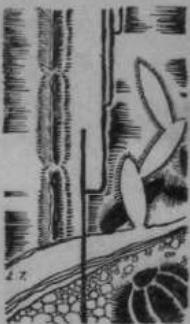




AURDESTE



"São os do Norte que vêm..."

Uma Carta e Seis Aguas Fortes

EM TROCA DE ALGUNS CRUZEIROS, ARTISTAS ITALIANOS OFERECEM QUADROS A UM JORNALISTA RECIFENSE — PINTORES COOPERATIVISTAS — A ITÁLIA VIVA, A ITÁLIA MORTA, A ITÁLIA ETERNA

Reportagem de JORGE ABRANTES

mentado a liberação. Somos livres, porém as ruínas ficaram sendo ruínas e hoje todo italiano trabalha para reconstruir

so na face arruinada das suas cidades? O padre Vieira certa vez, em Roma, fez um sermão em que opôs as duas Romas: a viva e a morta, a de pé e a enterrada, a cabeça e a caveira do mundo...

Estando o nosso país

(Continua na pág. 2)

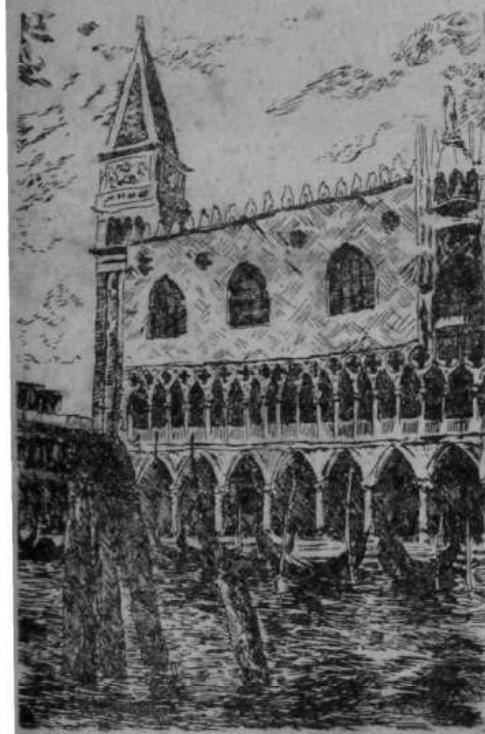
Genova, 21 de Junho de 1947. Ilmo. Sr. Esmeraldo Marroquim, R. do Imperador, 346, Recife.

Homens de um continente dirigem-se a um homem de outro continente. Não conhecem o seu destinatário, mas alguém lhes em a referência a esses europeus, esses filhos de um país atormentado e arruinado pela guerra, enviando o seu apelo a um brasileiro sabem que o enviam a um filho de um país livre, generoso e que a Providência preservou da grande catástrofe. Outros brasileiros, outros americanos têm recebido cartas de alemães, de austríacos, de tchecos, pedindo auxílio, em nome do mandamento cristão e universal do "a-mai-vos uns aos outros".

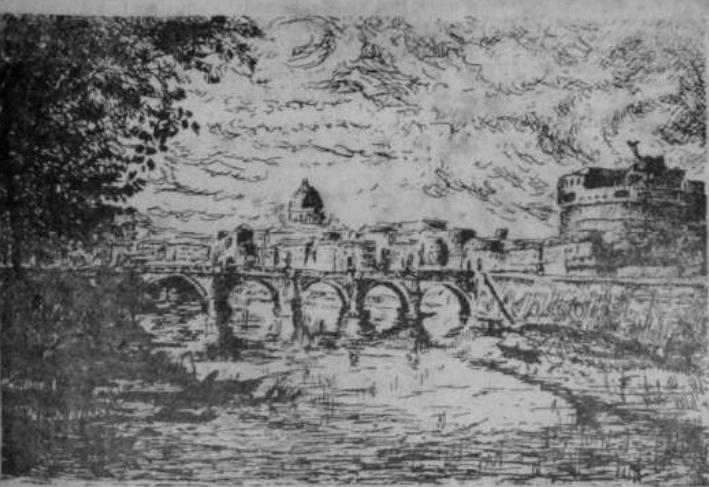
Prezado Senhor. A fim da segunda guerra mundial significava pelo povo italiano tão ator-

ir os mais maravilhosos edifícios, as igrejas, os monumentos, os tesouros artísticos seculares para que a Itália seja ainda uma vez o berço da cultura.

O português é estropiado mas através da singela linguagem epistolar palpita o drama de um povo. A liberdade veio mas a ruína ficou. Os italianos como que estremecem ao pronunciar esta palavra: ruína! Eles não têm a pesar-lhe na memória todo um gigantesco passado expres-



Venice



Rome



Naples



Madonna

SUMARIO

Artigos de Evaldo Coelho, Pe. Luiz do Amaral Meninho, Aderval Jurema, Hermílio Borba Filho, Constantino Paleólogo, Abelardo Jurema e Maurílio Bruna.
Reportagens de Jorge Abrantes e J. Irineu Cabral.
Conto de Francisco Júlio.
Poemas de Murilo Mendes e Lídio Ivo.
Bibliografia — Tópicos — Desenhos de Nestor Silva, Zulene Pessan e L. Teixeira.

TÓPICOS

O CINCOCENTENÁRIO DO POETA JOAQUIM CARDOSO



Joaquim Cardoso, por Nestor Silva

Os amigos e admiradores do pernambucano Joaquim Cardoso, ora residindo no Rio de Janeiro, resolvem comemorar o seu quinquagésimo aniversário natalício, ocorrido no dia 27 de agosto, com a tiragem de uma edição de seus poemas que até agora não foram reunidos em livro. Não foram reunidos em livro devido à teimosia negativa do poeta aos amigos e editores que, por várias vezes, pediram os seus originais. Desta vez, porém, sem que o poeta de "Iramataia" desconfiasse, Eustáquio Duarte chefiando um grupo de amigos promete para breve os "Poemas Antigos", ilustrados por outro pernambucano de talento, o pintor e "conteur" Luiz Jardim, em edição da Agir. Os "Poemas Antigos", título do livro, serão prefaciados pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade que irá dizer do imensurável potencial Brico desse velho companheiro de Manuel Bandeira no tempo da antiga "Revista do Norte".

Joaquim Cardoso, engenheiro civil, pintor e poeta, é uma figura pouco conhecida na poesia brasileira. De raro em raro aparecem os seus poemas. Primeiro na "Revista do Norte" e um pouco depois na revista "Momento". Em "Momento", durante 33-34, Cardoso deixou que se publicassem alguns de seus versos como "Poema do homem dormindo", "Recoração de Iramataia". Recentemente, nessa revista, no seu 6.º número, estampamos uma página de poemas inéditos do cantor dos "Anjos da Paz".

Por isso Manuel Bandeira aparentemente teve razão quando incluiu o Cardoso na sua "Antologia dos Poetas Bisséxtos". Mas nós, os seus amigos da província, afirmamos, com o conhecimento mais íntimo do velho companheiro do inesquecível "Café Continental", da rua do Imperador, que Joaquim Cardoso não é bissexto quanto a poesia, nele, é tão permanente e necessária como o cordão umbilical para o que está vivendo antes de nascer ou como a semente para os pés. Bissexto pode ser que ele seja quanto à displicente distância, no tempo, para escrever a sua poesia. Os seus poemas são, simplesmente, a forma gráfica do homem-poesia. Nunca precisou receber a visita da chamada inspiração poética porque, nele, a Poesia é a sua própria personalidade. É uma das maiores liricas do seu tempo.

"Nordeste", associando-se às homenagens do poeta Joaquim Cardoso, repele ao amigo que

"Passaram chuvas passaram [ventos passaram sombras aladas]"

mas continuamos e sempre a admirar

"A visão do mar do alto da [Misericórdia de Olinda]"

e a amar o poeta que

"... é mais puro que um menino, [é anjo.]"

Duas conferências sobre teatro — A Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura Municipal do Recife, publicou em "plaquette" duas conferências que o nosso colaborador, sr. Hermílio Borba Filho, pronunciou na Faculdade de Direito do Recife, por ocasião da estréia do "Teatro do Estudante" e na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, sob o patrocínio da D.D.C.

Na primeira conferência — Teatro: arte do povo — o sr. Hermílio Borba Filho, principal animador do Teatro do Estudante, fez uma apreciação sobre a influência do teatro no desenvolvimento da cultura popular salientando que "há um desvirtuamento bem singular no que se convencionou chamar profissão teatral". Situa acertadamente a questão quando afirma não negar "ao profissional o direito de ganhar dinheiro com a sua especialidade, mas fazer do teatro um ganha-pão exclusivamente, em detrimento do lado artístico, é que não está direito".

Em Reflexões sobre a "Mise-en-Scène", o conferencista, que é também autor teatral, depois de fazer um rápido histórico do teatro grego e da evolução da "mise-en-scène" até nossos dias, conclui por dizer que "As novas concepções dramáticas, por conseguinte, deverão ser procuradas levando-se em conta o caráter primordial do ator, tudo o mais girando em torno do intérprete do texto, figura que se projeta sobre o público como a sombra do ator".

Essas duas conferências revelam um novo autor teatral, entre nós, que não ficou entocada pela sua capacidade criadora. Sente-se neles dois estudos, em forma de palestra, que o sr. Hermílio Borba Filho é um verdadeiro estudioso da arte teatral e que está seguindo o caminho certo quando, transcrevendo "as palavras de um filósofo do teatro" — o teatro representa o indivíduo o que há nele de mais profundo e verdadeiro —, declara ser este o pensamento e a compreensão dos que fazem o Teatro do Estudante. Com Hermílio Borba Filho o "Teatro do Estudante de Pernambuco" vem cumprindo o seu "slogan" inicial: "levar o teatro ao povo em vez de trazer o povo ao teatro".



empenhado com todas as suas forças na reconstrução, não acha-se infelizmente na impossibilidade de ajudar a categoria dos artistas. E de consequência os tempos não favorecem as organizações de amostras, não estando a povoação empobrecida em condições de comprar objetos de arte.

Efetivamente, os duros tempos não estão para artistas. Há problemas urgentíssimos de recuperação e reorganização material e as necessidades do espírito ficam em segundo plano. Mas...

Nós, os artistas queremos viver e trabalhar, e isso nos tem induzido a incorporar-nos em Cooperativa e nos tem agradado a endereçarmos aos amigos da arte dos Estados vencedores.

Não fôssem artistas e não fossem italianos! E artistas e italianos sempre têm amigos em toda parte, mesmo entre (dolorosa ironia da expressão!) os "Estados vencedores". Talvez principalmene neles.

Queira o Senhor compreender-nos, lhe suplicamos que aceite 6 águas fortes, obras de artistas muitas vezes premiadas: e se estas obras obtêm água, águas fortes sobre

* * * * *

Nas Livrarias

Continua despertando intensa curiosidade as memórias de George Sand que José Olympio lançou em volumes muito bem traduzido pela srra. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Os volumes de "História de Minha Vida", são os seguintes: 1.º História de uma família de Fontenay a Moreng; 2.º Meus primeiros anos; 3.º Da infância à juventude; 4.º Do misticismo à independência; 5.º Vida literária e vida íntima. Através dessa obra autobiográfica encontra-se, em corpo inteiro, a figura feminina mais discutida das lettras francesas.

Do escritor norte-riograndense, Luiz da Câmara Cascudo, a Livraria José Olympio publicou o esperado livro "Geografia dos Mitos Brasileiros". É um trabalho sério de pesquisa de um dos nossos maiores folcloristas, pois o sr. Luiz da Câmara Cascudo é hoje um nome internacional no mundo do folclore sul-americano.

As obras completas do crítico brasileiro Aripino Góes é mais uma iniciativa vitoriosa da Livraria José Olympio Editora.

A editora Casa do Estudante do Brasil lançou em "plaquette" um estudo do sr. Cassiano Nunes, de São Paulo, sobre "O Lusitanismo de Eça de Queiroz".

* * * * *

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editedo pela Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 468

1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

Estados Unidos (New York): Artur Coelho.

Rio de Janeiro: José Irineu Cabral

São Paulo: Aziz Elhaimas

Bahia (Salvador): Livraria Souza

Parahyba (João Pessoa): Janson Guedes Cavalcanti

Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque

Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros

Número avulso Cr\$ 3,00
Número atrasado Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.



Venice

tema sugerido, ex-libris, to desagrado, queira enviar também as obras retratos, estátuas executadas pelos nossos melhores artistas, a preço endereço.

Evidentemente, é esse português é do dicionário. Mas não há dúvida de que os trabalhos ficarão. Como deixar a um apelo tão emocionante?

Antecipando agradecimentos, somos com grande consideração e estima, de V. S. atos Alf. Ferrari. Presidente.

Prazer em conhecê-lo, patrício, filho espiritual de Da Vinci, de Tintoretto, de Correggio!

**NON PIEGARE —
NÃO DOBRAR MASNOSCRITTI RACCOMANDATI**

Não foram dobrados. Como a carta dizia, seis águas fortes. Motivos de Itália. Duas madonas. Roma, Nápoles, Veneza. Religião e tradição. Itália viva. Itália eterna.

A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

Aderbal Jurema



Maria Júlia Drummond de Andrade, novelista aos 17 anos.

Na passagem artística e literária brasileira as manifestações do talento feminino têm sido tão escassas que representam pequenas ilhas isoladas nos vários arquipélagos — para me servir de uma classificação treviana ampliada por Vianney Moog — macisamente masculinos que dão expressão à nossa história cultural. Durante três séculos de literatura pouquíssimos nomes femininos conseguiram se destacar nas letras e nas artes; muito menos na prosa do que na poesia, muito mais na música e na dança do que na pintura. Qualquer estudante de literatura, tendo à mão o pequeno mas grandioso compêndio de Ronald de Carvalho, verificará que o poeta de "Toda a América" não registrou um só nome de mulher como poeta, romancista ou ensaísta durante o período colonial e mesmo no império. Isto é só. Quase toda literatura brasileira é masculina não só no seu estilo como também no seu conteúdo. A primeira vista pode parecer uma afirmação pio-heróica e sublinharmos o caráter masculino de nossas letras, quando, antes, estranhávamos a ausência de nomes femininos em nossas histórias da literatura. No entanto, bem que poderíamos apresentar literatura de caráter feminino em alguns de nossos escritores. Nas letras italianas poucos são os nomes de mulher como autora, o que não impedi de que aparecessem livros nitidamente femininos e muitos deles completamente assexuados. No Brasil, poucos são os livros femininos ou assexuados, mesmo nos dias atuais. Os livros escritos por mulheres são tão masculinos quanto os outros, ao ponto de ficarmos em dúvida se as autoras existem ou se são meros pseudônimos.

O caráter masculino de nossas letras e de nossas artes encontra o seu fundamento em nossa própria formação histórica. A influência da nossa formação patriarcal no caráter das nossas manifestações artísticas e literárias é um estudo que merece ser aprofundado. O patriarcado colonial e imperial, prolongando-se até nossos dias, marcou fortemente a nossa literatura de uma masculinidade de idéias e de temperamento, de expressão e de forma. Daí a quase ausência de um escritor à Wilde, à Oscar Wilde no seu sentido mais puro de ternura estilística. Ternura

mântica Casimiro de Abreu como exemplo "bem transparente" desse lirismo amoroso "mais assunto poético que realmente sentido", na expressão de um outro poeta, o paulista Mário de Andrade.

Ainda agora, através de uma edição de João Condé — o colecionador dos "arquivos imprestáveis" — está bem à flor da pele o traço forte de masculinidade que domina os tipos mais representativos do ficcionismo brasileiro. No depoimento de 10 romancistas vivos dos mais notáveis (3), somente um deles mencionou como seu tipo preferido, na sua galeria criadora, a figura de uma velha. Desde o Vitorino Papa-Rabo, de José Lins do Rêgo, até o João Miguel, de Raquel de Queiroz, todos elas escolheram tipos masculinos, os mais virilmente masculinos de seus romances. E se Machado estivesse vivo decidiria-se por Capitu ou Quincas Borba? Capitu é, sem dúvida, o tipo mais feminino de toda a nossa literatura masculina.

Outra coisa não se poderia esperar de uma literatura escrita por espíritos de formação patriarcal onde os meninos mimados sublimavam nas letras viris as suas possíveis deficiências físicas de masculinidade.

Os velhos senhores de engenho e fazendeiros entregavam o bastão patriarcal nos filhos massa-grossa, aos fisicamente mais capazes. Os caras-de-anjo, de físico mais delicado, eram encaminhados para os seminários e, mais adiante, para as Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo. Delas saíram a maioria dos escritores, dos poetas e dos ensaístas, dos oradores e dos parlamentares do segundo quartel do século passado até quase nossos dias.

A condição da mulher brasileira sempre foi secundária em relação à vida social. O vasto processo de retardamento intelectual que a mulher vem sofrendo através das idades foi, no Brasil do passado, um verdadeiro rôlo compressor sobre a sensibilidade em botão das nossas sinháshinas mais ilustres. O filósofo alemão Georg Simmel, estudando o caráter masculino da cultura ocidental, incentiva à mulher a que realize o que os homens não podem realizar. E demonstrou que na literatura, graças à sua liberdade de plenos, o gênero novelesco é o mais acessível ao temperamento feminino, como no artístico será a música, a dança e, sobretudo, o teatro. (4) Na pobreza insular das manifestações espirituais da mulher brasileira têm sido justamente esses gêneros de manifestação intelectual as suas válvulas de expressão estética. Através do novelesco, a nova geração de mulheres do Brasil começa a superar aquele longo período de patriarcado cultural da casa grande onde — anotou o sociólogo Gilberto Freyre — "o ladrilho de missa nem sempre se sabia ler". (5) Superar é bem o termo, tendo-se em conta a atual posição social da mulher em comparação com aquela horrorosa situação em que vivia no século XVIII, ignorantes, beatas e mal vestidas — no depoimento irritado da inglesa Mrs. Kindersley citada pelo autor de "Casa Grande & Senzala" (6). Ainda no século passado, e mesmo no começo deste século, a maioria das moças brasileiras só aprendia a ler o bastante para decorar o catecismo, a escrever o necessário para fazer o rol de roupa usada. De arte, o bordado, o "crochet" e — mais para o sertão — a

almofada de renda. Tudo isso intercalado com lições de piano até a execução de valências românticas (ah! o "Conde de Luxemburgo"!) e quando muito chegavam às "mazurkas". Os pais mais exageradamente liberais consentiam nos recitativos, ao som da "Dália", de longas poesias que eram mais histórias narradas em versos do que mesmo poesia.

O sr. Wandérley Pinho, um dos nossos mais fecundos tradicionalistas, na sua obra bem documentada "Salões e Damas do II Império", nos apresenta um quadro inauspício e até encanástico do que eram os nossos salões no século XIX. Justamente nos salões do II Império começou a brilhar, pela primeira vez, o talento feminino vigiado de perto pelos anfitriões da velha nobreza patriarcal. Por isso a mim não me espanta que alguma escritora da época, como Tobias Barreto, inimigo n.º 1 do salacionismo, chegasse a reconhecer que "a infiltração do salão, que é sinônimo da influência da mulher, não sendo perturbada por fatores estranhos, é, em todo o caso, uma força civilizadora, um elemento poderoso de vida espiritual". (7) Demonstração eloquente da grande riqueza espiritual da mulher que, mesmo trancada a sete chaves nos "giniceus" patriarcais ou sob olhos severamente vigilantes, conseguia impressionar um

mundo todo poderoso onde tudo se resolvia sem a menor parcela de sua participação intelectual.

No período colonial nem um nome de mulher obteve seu ingresso em nossos compêndios de história da literatura. No Império, a situação pouco mudou. Nem mesmo um movimento sentimental da envergadura da campanha abolicionista conseguiu quebrar as cadeias patriarcas em que viviam acorridentadas a sensibilidade e a inteligência da mulher brasileira. Se nos Estados Unidos, no movimento de libertação dos escravos, surgiu Elizabeth Beecher Stowe com o seu romance panfletário "A Cabana do Pai Tomaz", no Brasil o seu correspondente lírico foi um poeta e, sem desaire nenhum, o mais feminino de seu tempo, o mais acintosamente viril como homem e como artista: Castro Alves (8).

Em correspondência com o desenvolvimento da sociedade brasileira em bases cada vez mais liberais, a expressão cultural da mulher já se afirma hoje, mais vigorosa, na literatura, na música, na pintura, na dança e no teatro. Pode-se citar como exemplo que, mesmo trancada a sete chaves nos "giniceus" patriarcais ou sob olhos severamente vigilantes, conseguia impressionar um

é guarda uma admirável fielidade ao espírito unitário da mulher ("não somos corpo ou apenas espírito, somos no mesmo tempo corpo e espírito"), na confusão simplista de George Sand, mesmo assim, ainda não se desgrudou do estilo masculino quando acutia ou ironiza. O seu sáboroso artigo sobre Eva Peron, por exemplo, foi escrito num tom patriarcal que entra em conflito com a sua alma de mulher. Isto, aliás, é explicável deante das deficiências gerais em que se debate o espírito feminino em face da superioridade cultural do homem.

Toda vez que a mulher procura fazer aquilo que os homens já fazem muito bem, ela toma um caminho intelectualmente errado. A literatura no homem pode desmasculinizar-se, assexualizar-se. Na mulher, onde — na imagem de Simmel — "a periferia está mais estreitamente ligada ao centro e as partes são mais solidárias com o todo", a masculinização do estilo é uma espécie de depravação. Dá-se o fracionamento da idéia porque, pela sua própria natureza feminina, as suas manifestações espirituais não se isolam, como no homem, das suas reações físicas. Impossível esquecer elas mesmas, na trama das letras e das artes, "que todas as manifestações

(Continua na pág. 4)



A bailarina Madeleine Rosay no mar — fotografia inédita de Benício W. Dias

UM DRAMA EM PARIS

Hermilo Borza Filho

Com o lançamento do seu romance *Ratos e Homens* em 1937, John Steinbeck foi aclamado pela crítica, como um dos grandes escritores americanos, ao lado de Faulkner, Dos Passos, Hemingway e, nesse mesmo ano, o seu romance apareceu transformado em peça de teatro estreada por Sam Harris no Music Box Theatre.

Um crítico francês, quando do lançamento da peça em Paris, disse que: "Pourquoi la pièce tirée de ce merveilleux roman, plein de force et de simple tendresse, n'est-elle pas réussie? Probablement parce qu'elle est tirée d'un roman et qu'il a un mauvais sort sur cet exercice". Em princípio estávamos de acordo com Marcel Thibaut, porque uma coluna é a técnica de romance e outra, a técnica do drama. Um exemplo típico tivemos há pouco tempo com a teatralização do Crime e Castigo pelo sr. Renato Viana, onde a atmosfera psicológica do romance se perdeu no palco. Entretanto, não acreditamos que tal coisa haja acontecido com a obra americana teatralizada pelo próprio Steinbeck, guardando a mesma pureza dramática, pois segundo as palavras do autor, *Ratos e Homens* era "uma tentativa, uma experiência, um esforço para a confecção de um romance que poderia ser transportado tal e qual para a cena ou de uma peça que poderia ser lida como um romance".

Chamando a atenção para a proximidade dos romancistas americanos, outro crítico francês — Coindreau — la-

menta que a maioria deles não se lembra de certas regras fundamentais da arte dramática, o que se acontece daria como resultado maior concisão e economia de palavras. Segundo esse princípio, o escritor californiano conseguiu dar-nos uma obra de uma síntese admirável, tão cruel quanto poética, não determinando a sua expressão estética no estilo ou nas imagens, mas nas paixões dos homens em suas relações entre si, certo de que "em uma peça as tiradas e dissensões são impossíveis porque o público se impacientaria".

George e Lennie, dois vagabundos, estão ligados por uma amizade profunda, servil por parte do último que é um gigante idiota, fazendo tudo o quanto o outro manda. Lennie mal sabe falar, mas gosta de ouvir George quando este descreve a vida que poderiam ter em uma fazenda própria, se tivessem dinheiro para comprá-la: "Vamos ter uma grande horta, uma casa de coelhos e um chiqueiro. Quando chegar o inverno a gente manda o trabalho pro diabo, acende o fogo e fica ouvindo a chuva cair no telhado". Assim passa Lennie a vida, ouvindo o amigo descrever uma possível felicidade futura e, ignorante da sua força, matando com as suas carícias brutais ratinhos, cachorros, acariciando pêlos somente pelo prazer sensual que o contacto lhe traz. Um dia, na fazenda em que chegam para trabalhar, Lennie começa a acariciar o cabelo sedoso da mulher de Curley e mata-a, sem querer. George,

para evitar que os homens

linchem o amigo, descreve-lhe mais uma vez o sítiozinho que poderiam possuir e mata-o com um tiro, justificando-se com o título da peça, extraído de um poema de Burns: "The best laid scheme o'mice an'men gang aft a-gley".

Ratos e Homens é, afinal, com a amizade e a luta de contas, um drama de todos homens, a solidão e o desejo de possuir um lugarzinho próprio, um drama avassalador que nenhum sorriso ameniza, mas nessa "negra aventura" a esperança se deixava vislumbrar, apesar das palavras de Crooks, o negro das costas quebradas, proibido de entrar no quarto dos brancos: "Já vi mais de cem homens que chegaram por essa estrada pra trabalhar na fazenda com a trouxa no ombro e a mesma ideia na cabeça. Centenas deles. Chegam, trabalham e vão-se embora. E cada um tem um pedaço de terra na cabeça. E nenhum desses condenados arranca nada. E' a mesma coisa que querer entrar no céu. Todo o mundo quer um pedacinho de terra. Ninguém alcança a terra".

A sobriedade de palavras não impede, antes contribui para a maior intensidade poética, dando como resultado um maior potencial emotivo, onde o realismo de certas cenas não vai à grosseria, mas consegue identificar o espectador com as pequenas misérias e os grandes gestos dos homens e da mulher que aparecem na peça, todos eles cheios, ressentindo, da vida cotidiana, mas apresentados por intermédio da arte como criatura independentes.

"para além do bem e do mal".

Não há dúvida que os problemas apresentados em *Ratos e Homens* são daqueles que caracterizam a tragédia dos que o cercam, quer lute contra a máquina — símbolo da época — permanece, inalteravelmente, capaz de soñhar, no desejo de conseguir as coisas impossíveis. E' isto o que acontece com a maioria dos homens que vivem naquela fazenda da Califórnia que Steinbeck, com o senso telúrico de um escritor do povo, lançou nesse drama:

"George — A gente vai ter uma casinha, c'um quarto só pra dois. Não se precisa trabalhar de mais porque a terra não é muito grande. Talvez seja, este horas por dia somente. Nada de carregar saco de cevada durante onze horas. E quando chegar a coelharia a gente tá lá pra fazer. Semiar e coher. Semiar e coher."

Lennie — E coelhos! Eu tomo conta deles. Conte como eu vou fazer, George.

George — Vou contar. Você vai, com um saco, pra plantação de alfalfa...

Lennie — E eles vão comer,

vão comer, com aquelas dentinhos, eu sei como é. Já vi."

E depois a revolta daquela mulher, perdida no meio de tantos homens, sem ninguém para conversar, sem um igual: "Não nasci pra viver nesse mundo. Eu morava em Salinas quando por lá passou uma companhia de teatro e conheci um dos artistas. Ele me convidou para seguir com a companhia. Minha mãe não quis deixar porque eu só tinha quinze anos. Se eu tivesse ido não estava morando agora em lugar como este".

Lutando, com a sua arte, por um mundo melhor, Steinbeck expõe a injustiça de que são vítimas os pobres trabalhadores rurais e, neste sentido, *Ratos e Homens* se classifica, ao lado de Estrada do Tabaco e Chave de 1929, naquela escola realista do teatro que trata com indignação do estado do mundo, pintando os conflitos com as cores escuras da desigualdade alarmante da luta de classes na América do Norte, se refletindo no preconceito racial. Um dos personagens do drama — Crooks — diz explicando a outro a sua condição: "Porque sou negro. Lá eles jogam basquete mas eu não posso jogar porque sou negro. Dizem que eu é catingo. Também posso dizer que vocês todos fedem".

O escritor não procura solucionar nenhum problema, o que seria falso, transformando o drama em peça de tese, mas expõe os conflitos e dessa exposição resulta a compreensão de que a sua arte éposta a serviço dos pequenos, sem partidarismo político, em luta contra as forças do mal.

John Gassner, estudando a obra de Steinbeck, chama a atenção para a semelhança dos seus assuntos com os de Goriki, mas não creio que essa semelhança seja outra coisa senão o fato de ambos os escritores tratarem dos eternos problemas do povo em função, sobretudo, da terra. Prefiro ver em Steinbeck a influência benéfica de O'Neill, principalmente o O'Neill das Sete peças do Mar, com a pureza de instintos, poderíamos dizer infantis, sempre presente na ação e, sobretudo, nos desejos dos seus personagens.

Pode parecer estranho que se queira aproximar um drame-máximo do mar (com Ana Christie. A longa viagem de volta, etc.) a um dramaturgo da terra, mas, por isso mesmo, talvez, a identidade se estabeleça. Os homens do mar, com a nostalgia do chão firme, se assemelham àqueles que desejam possuir uma casa com um quintal, na eterna vida dos vagabundos de estrada e carregadores de cereais nas fazendas da Califórnia.

O tema de *Ratos e Homens*, originado do fragmento dasqueles versos de Burns, também poderia enquadrar-se dentro dessa faia de Yank, dos deuses marinheiros de O'Neill: "Deve ser bom passar toda a vida na terra e possuir uma fazenda, com uma casa, vacas, porcos e galinhas, lá longe no campo, lá onde não se pode sentir o mar nem ver um navio. Deve ser bom ter uma mulher e filhos com quem jogar, à noite, depois do jantar, e trabalho terminado. Deve ser bom ter um carinho". E outro marinheiro responde: "Sim, certamente, mas pra que pensar nisso? Essas coisas não acontecem a homens como nós".

Depois de lançar um poeta do povo como Lorca, o Teatro do Estodante vai apresentar um poeta da terra como Steinbeck, em absoluta concordância com o seu repertório no qual se misturam o belo, a esperança, o medo e a dúvida, dando ao auditório uma sensação de estímulo na luta universal entre o querer e o impossível, o tempo e a morte, o indivíduo e a coletividade.

A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

(Continuação da pág. 3)

da mulher, todas as exteriorizações e objetividade de sua essência aparecem, não como humanas no sentido geral dessa palavra, senão como especificamente femininas". (9) Daí concluir-se que a mulher tem da vida objetiva um sentido particular, isto é, tudo o que lhe acontece afeta diretamente e intimamente toda a sua personalidade. Em todo empreendimento, ela se situa no centro, vivendo intensamente os seus atos. Possui mesmo para as atitudes mais formais uma capacidade de subentendimento que, numa linguagem cinematográfica, a Evaldo Coutinho, completa intuitivamente aquilo que não se quis mostrar.

Temos os exemplos de uma Madelinee Rosay na dança e de uma Noémia Mourão na pintura. Madelinee realiza o que se poderia chamar de — poesia do movimento — expressando com o seu talento puramente feminino o que há de mais meigo e universal em nosso folclore. E o que ela realiza nenhum bailarino po-

deria fazê-lo porque, como sugere Simmel, "se pudéssemos fixar em linhas ornamentais os movimentos das verdadeiras dançarinas, essas linhas representariam um conjunto de formas que nenhum homem poderia produzir, a não ser num a imitação consciente". (10) Linhas poeticamente femininas que assinam/ao os desenhos de Noémia, desenhos tão caracteristicamente feitos por mãos de mulher-artista que nenhum artista masculino poderia traçá-los.

Estas considerações me foram provocadas pela leitura de uma novela escrita por uma jovem de 17 anos. E, na verdade, uma espantosa revelação de novelista que se chama Maria Julieta Drummond de Andrade. Não que "A Busca" (11) seja uma obra prima da novelística brasileira, mas porque representa, nessa novelaística, a primeira afirmação de um talento natural-

Julieta encontrou também o caminho seguro da literatura brasileira genuinamente feminina. É uma estreante que surge com o impulso de desbravadora.

(1) — Agríppino Grieco — Evolução da poesia brasileira — pg. 9 — ed. J. Olympio — Rio, 1947.

(2) — José Veríssimo — Letras e Literatos — pg. 16 — ed. J. Olympio — Rio, 1936.

(3) — Dez romancistas falam de seus personagens — edições Condé — Rio, 1947.

(4) — Georg Simmel — Cultura feminina e outros ensayos — trad. Espaço-Calpe — Argentina, 1944.

(5) — Gilberto Freyre — Casa

grande & Senzala — pg. 389. 1.ª ed. — Malas & Schmidt — Rio, 1934.

(6) — G. Freyre — ob. cit. pg. 390.

(7) — Wanderley Pinho — Sães e dumas do II Império — Introdução, pg. 13 — ed. Martins (2.ª)

São Paulo, s/d

(8) — Escreveu Afrâncio Peixoto na introdução ao 2.º

volume das *Obras Completas* de Castro Alves:

"Recentemente, n'um grande scânerio, na Sorbona, em Paris, o Professor Georges Le Gentil proclamava que a

A América contribuiria com

duas obras para a literatura universal: a Cabana do Pad Thomas",

de Beecher-Stowe e a

Cachoeira de Paulo-Alves", de Castro Alves. Pg. 21 — II vol. Cia. Editora Nacional — São Paulo, 1942 (2.ª edição)

9) — G. Simmel — ob. cit. pg. 110.

10) — G. Simmel — ob. cit. pg. 33.

11) — Edição da J. Olympio

— Rio, 1946.

P. S. — Depois de escrito este artigo encontrei, numa banca de jornais e revistas, do Recife, uma revista do Rio — "Mulher Magazine" — dirigida, administrada e escrita por mulheres. E, por sinal, muito bem orientada no seu caráter de revista feminina e não feminista. Daqui envio as corujosas confrades uma saudação de amigo.

COOPERATIVA

Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

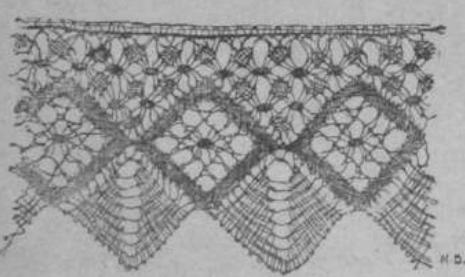
Endereço Telegráfico: "BANORDESTE" — TELEFONE N.º 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DECONTOS — DEPÓSITOS

Seção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente



Rico de renda de almotada. (Arte feminina do nordeste)

Nas inéditas literárias naturais numa estreante de 17 anos, Maria Julieta Drummond de Andrade deu um grande passo para as mulheres de sua geração. Este, sem dúvida, o maior mérito da "A Busca": — a fidelidade ao seu temperamento feminino que conseguiu imprimir no conteúdo e à forma de sua novela. Na "Busca" da personalidade de sua heroína, Maria

A Infância de Eça de Queiroz

O sen. Antônio Cabral descobriu uma nota escrita por Camilo Castelo Branco, à margem da página 157 do livro *A Geração Nova*, de José Sampaio (Bruno), que diz o seguinte:

"Eça nasceu filho ilegítimo. Foi dado clandestinamente a uma amiga de Vila do Conde. Ai esteve até aos 6 ou 7 anos, sem conhecer os pais que o chamaram a si depois de casarem tendo outros filhos. Eça foi sempre o menos querido dos seus irmãos, e também o menos amável com os pais".

Com efeito, Eça de Queiroz foi o fruto dos amores ilegítimos de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça. Nasceu na Póvoa de Varzim, em 25 de novembro de 1845 e foi entregue imediatamente "aos cuidados de um modesto casal de Vila do Conde, o do alfaiate Antônio Fernandes do Carmo, casado com a costureira Ana Joaquina Leal de Barros. Foi aos cuidados desta costureira que Eça de Queiroz viveu a sua primeira infância. Não conheceu carinhos maternos numa época tão importante da vida; o seu espírito infantil não se formou dentro do delicado ambiente de lar em que se nasce. Eça foi sempre um ser frágil e doente. Pairava sobre ele, desde o seu primeiro dia de vida, o espectro da tuberculose, a doença que o haveria de vitimar cinquenta anos mais tarde em Paris. Com o organismo assim predisposto, apresentava uma grande sensibilidade, mesmo doente. É fácil imaginar essa criança de aspecto doente, tímida, recolhida, mas em cuja pequena alma infantil já se debatia uma certa incompreensão da vida. Devia notar, desde cedo, que a sua vida era diferente da das outras crianças. Enquanto estas tinham pai e mãe com quem viviam, passava-se com ele situação diversa. Sua mãe visitava-o algumas vezes, às ocultas. Compreendemos o profundo carinho com que o não abraçava e estas cenas mais acentuavam a sua infantil incompreensão do mundo". (*Eça de Queiroz — O seu Drama e a sua Obra* — Antero Vieira de Lemos).

Quatro anos depois do seu nascimento, no dia 3 de setembro de 1849, os pais do romancista contraíram matrimônio. Saindo de Vila do Conde, Eça foi morar em Verdemilho, no conselho de Aveiro, em casa da avô, D. Teodora Joaquina de Almeida Queiroz. O avô, Joaquim José de Queiroz, faleceu em 1850. Pouco depois vai para a casa paterna.

Aqui temos, portanto, a origem do romancista e os seus primeiros anos de vida. A primeira circunstância importante é o seu nascimento ilegítimo e a sua vida em casa do alfaiate e da costureira. Pode parecer, à primeira vista, que essa união ilegítima fosse de uma paixão verdadeira, incapaz de resistir à proibição do pai de D. Carolina, um velho coronel. Entretanto, a carta que o pai de Eça escreveu por ocasião do seu batismo, destrói essa hipótese. E, seguramente, uma carta estranha e um tanto cruel. Ficou arquivada no livro de registros e a trancrevemos na íntegra:

"Senhora:

"Ponte do Lima, 18 de novembro de 1846.

"Recebi carta de meu pai, que novamente recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandar o criar no Porto, em companhia de minha família, quando a senhora nisto convenha. Espero pois a sua resposta para nessa inteligência escrever a meu pai.

"Ele me recomenda igualmente — e eu também o desejo — que no Assento do Baptismo se designe ser meu filho, sem todavia se enunciar o nome da mãe. Isto é essencial para o destino de meu filho, e para que no caso de se verificar o meu casamento comigo — o que talvez haja de acontecer brevemente — não seja preciso em tempo algum justificação e filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu, ou o seu nome conforme deve ser.

"Deus — acredite sempre nas minhas têngos — e agora mais do que nunca. Queiroz".

Causa-nos estranheza que um homem escreva à mulher que possuía ilegitimamente e da qual houve um filho, tratando-a por "senhora" em lugar de "querida" ou qualquer outro termo afetuoso. As constantes referências ao pai, "que novamente recomenda a criação de meu filho e se me oferece para mandar o criar no Por-

to" e "ele me recomenda igualmente", etc., são bastante significativas. Escreve ainda: "e para que no caso de se verificar o meu casamento comigo — o que talvez haja de acontecer brevemente". Ora, no caso quer dizer talvez, é possível, pode ser que eu me case, isto é, se as circunstâncias me obrigarem, eu casarei, o que no entanto, talvez haja de acontecer brevemente. Haja de acontecer, isto é, provavelmente eu serrei forçado a casar. Se tais deduções, como parece, estão certas, ele não desejava casar e só o fez por imposição alheia, do seu pai que lhe "recomendava" o casamento. Eça, portanto, não poderia ser agradável nem ao pai nem à mãe, pois era a encarnação viva do erro de ambos. E isso justifica a nota final de Camilo, corroborada por José Luciano de Castro, "que muito bem conheceu Eça de Queiroz, tratando sempre por José Maria e por tu, sem ter notícia da nota de Camilo, confirmava o que dela consta, acerca dos sentimentos para com o filho, do pai do autor de *"Os Maias"*".

Esse triste inicio de vida pode ser facilmente reconstituído. Depois de viver cerca de quatro anos em casa de gente desconhecida, de condição modesta, Eça val morar em casa da avô e em seguida na dos pais. Na casa do alfaiate e da costureira era um estranho, filho de outros. Dentre dos amigos, elas certamente murmurariam: "é filho natural de fulano e de escrana". E perguntariam de quando em



Eça de Queiroz

vez: "então, os pais dele casam-se ou não casam?". Tais palavras seriam ouvidas pelo menino, que as gravaria de modo indelével no coraçãozinho frágil, trazendo-lhe os primeiros sofrimentos. Já na casa da avó teria sido recebido secamente, com altivez, porque, pobre dele, era um fruto do pecado. Na casa dos pais, posteriormente, sua posição deveria ser demasiado esquerda. Como? Casados há tão pouco tempo já tinham um filho daquele tamanho? Podemos imaginar o pequeno José Maria escondido quando chegava alguma visita de cerimônia, a fim de evitar perguntas indiscretas. Porque depois do casamento a família tornou-se respeitável, séria, e somente havia uma criaturinha que, com a sua simples presença, destruía irremediavelmente toda aquela apariência de circunspecto: o magro José Maria. Ali estava ele, a encarnação de um momento de fragilidade, de desejo, de irreflexão — não podia ser querido, não podia ser escondido, tinha que ser apontado. Tais fatos marcam fundamentalmente a alma do romancista, formando-lhe um terrível complexo, que seria o responsável por quase todas as suas "idioss" posteriores. Com efeito, como acreditar nas virtudes femininas se a sua mãe, aquela criatura doce e carinhosa, ela mesma errara? Como crer na respeitabilidade dos homens se o seu próprio pai, com aquela doce e sizudo, também errara? Como acreditar na bondade das velhas senhoras se a sua própria avó o recebera tão secamente? Apenas uma pessoa escapava, incólume e superior, capaz de manter a boa chama no coração

Constantino Paleólogo

do pequeno José Maria — o avô. Nota um dos seus biógrafos: "Ainda conheceu o velho avô paterno. Sendo Eça de Queiroz uma criança de grande emotividade, vivendo mais com a imaginação do que com os folguedos infantis que o seu organismo doente não lhe permitia, ele devia exultar ao ouvir do velho desembargador aquelas maravilhosas histórias de guerras, tão queridas dos ares frágies e docentes". Mas o avô morreu e essa boa chama acessa por ele, demoraria muitos e muitos anos para despertar e transformar-se em fogueira. O lugar do avô foi tomado pelas irmãs. As pequeninas tornaram-se o seu maior afeto, o objeto das suas maiores ternuras. Mas, num organismo como o seu, animado por uma imaginação como a sua, reunida à doença e aos poucos afagos que recebia, essa intimidade fez surgir no subconsciente um impulso incestuoso. Tal impulso, recaído violentamente, incapaz de passar à consciência por um momento sequer, veio a ser a sua grande chaga íntima, o motivo destrutivo de todos os seus romances de "criação espontânea".

Vítima de um amor impossível, de um desejo irrealizável, do qual nem ele próprio tinha consciência, nem sabia que existia, passaria a agir em função desse impulso recalado, como escritor. A finalidade de sua obra de romancista será satisfazer o desejo reprimido, lutando desesperadamente para alcançá-lo, de todas as maneiras possíveis. Desencadeou-se dentro de sua alma a luta gigantesca entre o irmão que deseja e o irmão que ama e protege. Muito tempo levará para que o segundo vença o primeiro, mas essa vitória do espírito sobre a matéria será realizada ampla e seguramente.

A satisfação do impulso incestuoso irá se processando progressivamente através de seus romances, até atingir a realização plena *"Os Maias"* e só depois, na *"Ilustração Casa de Ramires"*, predominará o irmão que protege. A sombra da personalidade paterna e da secura da avó cessaria após algum tempo. Quanto ao avô, sua figura adquirirá cada vez maior vulto, representando a pureza de Eça de Queiroz que emerge dificultosamente das cadeias sensuais que o prendiam, até dominar por completo toda a sua obra.

Esse impulso incestuoso provocou, no autor, uma obsessão erótica que se observa até na concepção da natureza. "E a chuva e o vento adjevitados de lascivos, as nuvens e as árvores dotadas de sensualidade".

No muito que se escreveu sobre o romancista, não há uma só palavra que demonstre a existência de um afeto sólido entre o mesmo e a sua família. Como vimos, as circunstâncias de sua origem não o tornaram muito querido dos seus. Depois, homem feito, começou a escrever livros que seriam, forçosamente, proibidos à sua jovem irmã.

Coimbra, como nota Antero Vieira de Lemos, foi a sua primeira fuga psicológica. Ser-lhe-iam imensamente gratos aquelas anos que ali passou — é por isso que os recorda e oculta a sua dolorosa infância. Quase todos os seus livros começam pela evocação da vida estudantil e a descrição dos tipos que mais o impressionaram, como Antero do Quental. Nessa época viveu inteiramente pela contemplação, voltado para dentro de si mesmo e, se porventura rabiscou as suas primeiras páginas "evocativas", destruiu-as posteriormente.

Sua segunda fuga psicológica foi a viagem ao Oriente. De Coimbra e do Oriente extrairá inegotáveis temas para os seus livros, pois, saindo de Portugal — ampliação do ambiente familiar — saia de seus próprios problemas íntimos, libertava-se da sua agitação subconsciente.

Thomas Mann explica de modo bastante sugestivo a influência psíquica exercida pela viagem: "Dous jornadas de viagem afastam o homem — e com muito mais razão o jovem que não estenderia senão umas poucas raízes na existência — de seu universo cotidiano, de tudo quanto ele considerava como seus deveres, interesses, preocupações, esperanças; afastavam-no muito mais do que poderia imaginar no coche que o conduzia à estação. O espaço que, girando e fugindo, interpunha-se entre ele e seu ponto de partida, desenvolvia forças

que se imaginam, comumente, reservadas ao tempo. De hora em hora, o espaço determina transformações interiores, muito semelhantes às provocadas pelo tempo, mas que, de algum modo, o sobrepassam. Assim como o tempo, provoca o esquecimento; mas faz-o desprendendo a personalidade do homem de suas contingências, transportando-o para um estado de liberdade primitiva; pode mesmo fazer o penteado, ou do burguês, de um golpe, uma espécie de vagabundo. O tempo, segundo se diz, é o Lethes. Mas o ar das distâncias é uma bebida semelhante, e, se seu efeito é menos radical, é, em compensação, muito mais rápido".

Eça de Queiroz, de fato, voltou outro homem, com ideias muito diferentes das do autor das *"Prossas Bárbaras"*. E a noção inconsciente do bem psíquico que lhe fizera aquela viagem, talvez tenha determinado a escolha da carreira diplomática, que o afastaria de modo permanente da família, de Lisboa e de Portugal. Porque, sem dúvida, para os temperamentos como o dele, a cidade é uma projeção do lar e a Pátria uma projeção da cidade. Não podendo odiar a família, odia a cidade e a Pátria. Enquanto perdurarem os seus recalques, perdurará a aversão pela família, pela mulher, por Lisboa e pela Pátria. Depois, entretanto, que consegue satisfazer seus impulsos reprimidos, volta a amar a família e a Pátria. São fenômenos que se processam com uma regularidade singular e convincente.

"Prossas Bárbaras" pertencem à fase imitativa. Todos os artigos e folhetos que a compõem, são reminiscências de leituras e de seus autores prediletos. Num deles, entretanto, surge, com muita clareza, o recalque do amor incestuoso impossível. E nas *"Notas Marginais"*:

.....d'este lado do rio
.....o namorado,
E a moça dos olhos pretos
.....do outro lado.

Mas o rio era profundo,
Não se podiam juntar.
Nunca o sol encontra a lua,
Tal andava aquele par.

.....flores
.....A água iam dar;
.....os beijos
Ficavam todo no ar.

A moça.....
Disse adeus ao namorado;
E foi.....
.....bandas do povoado.

Ele ficou amarelo,
Como a veia dum altar.
Mas se o rio.....
Não se podiam juntar.

Essas *"Notas Marginais"*, das quais transcrevemos "as frases interrompidas de uma trova a Bernardo Ribeiro", foram o primeiro trabalho de Eça e datam de março de 1866. Como se vê, a primeira produção do autor evidencia, de modo crô, o seu recalque. Aqui ainda não há tentativa de libertação, mas apenas a fixação do seu problema: "d'este lado do rio o namorado, e a moça dos olhos pretos do outro lado. Mas o rio era profundo, não se podiam juntar. Nunca o sol encontra a lua, tal andava aquele par". Os dois amantes, portanto, estavam separados por um rio profundo — os laços do sangue — e jamais se poderiam juntar, como o sol e a lua. Há, na última quadra, uma fugitiva esperança: "Mas se o rio...". É uma esperança tão longinqua e tão impossível que não pode ser formulada senão por reticências.

Antes de poder iniciar as tentativas de satisfação do impulso incestuoso, Eça devia derrubar a censura moral que lhe observava o caminho. A luta entre essas duas poderosas potências psíquicas — O Id e o Super-Ego — se processa subconscientemente, sem que o consciente perceba mais que os seus reflexos. Coimbra foi um poderoso agente demolidor da censura de romancistas que, ouvindo as idéias arrojadas

(Continua na pág. 16)

Emanuel Kant, o agnóstico filósofo de Koenigberg, jamais talvez pensou que a sua filosofia das apariências fenomenicas, anti-nouménicas ou anti-substancial, chegaria um dia àquele esclássio grotesca e barbara do materialismo económico de Marx e Engels, através de Hegel e Feuerbach. Parece-nos mesmo inacreditável que homens de responsabilidade e de pensamento, que deviam conhecer um pouco de psicologia intuitiva e de história, ousassem afirmar que todas as atividades do homem, — que na definição de Feuerbach "é aquilo que ele come", — sem executar as mais nobres e sublimadas, como sejam a religião, a arte, a cultura e o direito, exclusiva e ferrenamente dependem das condições económicas da produção, que then são a causa total e única.

Afinal de contas, outra coisa não poderíamos nós esperar de homens que cogmaram a filosofar assassinando a lógica, assassinando a metafísica, assassinando a psicologia e assassinando a Ética. Assassinação estava também a pessoa humana, como substância psicofísica, inteligente e livre. Para Marx, assim como para Feuerbach, o homem — pessoa, éste "eu" de cada um de nós, é apenas uma faceta, um instante fugitivo do único ser que é a matéria em evolução, assim como para Hegel. Ele é tão sómente um fugaz e impersonal pensamento pensado do espírito que é a realidade única, o pensamento pensante, através da célebre triade: — tese, antítese e síntese. E o que se nos antolha ainda mais inconcebível é saber que as grandes Universidades católicas do Velho Mundo abriram e ainda não fecharam suas portas a semelhantes aberrações da natureza! E que, para elas, Kant conseguira destruir, revolucionar o conceito vulgar, sacrífico e tradicional da verdade, que já não é a conformação da nossa inteligência com o mundo nouménico, ontológico ou extramental. O conhecimento já não é uma apreensão das coisas, mas uma função totalmente subjetiva e criadora das mesmas, segundo formas inatas, a priori. Desaparecidos os seres, negada a inteligência, destruída a personalidade do homem, surgem os mitos contraditórios que povoam as filosofias subjetivistas e excéntricas do século XIX. Marx recebeu de Hegel a contradição, — que para nós é o absurdo supremo — como a lei primária a reger a evolução, o devenir do seu mito, que é a matéria. O Capital, a Burguesia, o Capitalismo foi a tese; contra ela surge o Trabalho, o Proletariado como antítese; fatalmente virá a grande síntese, a ideia marxista, o socialismo! Na Rússia dos nossos dias está sendo feita a experiência desta síntese fatal; e nós sabemos que ela tem sido argamassada com sangue, defendida com o fuzil e pregada com a mentira! "Diktatur der Lüge" — "Ditadura da mentira", é o título que o fervoroso marxista W. Schliemann dá ao livro em que conta ao mundo as deceções que teve ao visitar a Rússia (Zuerich, 1937).

Outra, muito outra é a posição da Igreja. Não somos monistas. Não somos subjetivistas. Não somos fenomenistas. Não somos anti-personalistas. Não somos contraditórios e por isso não somos evolucionistas. Defendemos a substancialidade da pessoa humana e sua liberdade moral, base de toda ordem jurídica. Rejeitamos energicamente todo fieri, toda evolução, todo devenir, todo existencialismo que não repouse no "misterio metafísico" (a expressão é de Goulier) da substância que permanece. As condições económicas, assim como outros muitos fatores podem influir no homem, não porem, — como a História e a Psicologia o atestam, — totalmente, governá-lo ou despersonalizá-lo. Enquanto pessoa, senhor consciente e livre dos seus atos, ocupa o homem o centro do universo sensível, sendo-lhe a causa final própria. Consequentemente, a ordem económica existe em função, em benefício, a serviço da pessoa-humana e não o contrário, conforme ensina o materialismo histórico. Todos os Romanos Pontífices, principalmente de Leão XIII até os nossos dias, insistentemente proclamam esta verdade nos mais solenes documentos, como reúnem a "Rerum Novarum", a "Quadragesimo Anno" e a "Divini Redemptoris". Para não ser prolixo, citarei apenas algumas palavras do santo e atual Pontífice, Pio XII, na sua mensagem radiofônica do Natal de 1942. "Origine e scopo essenziale della vita sociale vuol essere la conservazione, lo sviluppo e il perfezionamento della persona umana" (1). De modo todo especial a Igreja represta esta teatralização de erros que são o Capital como tese, o Trabalho como an-

A IGREJA e o CORPORATIVISMO

Pe Luiz do Amaral Mousinho

tituto visceralmente inimiga e contraditória, e o Marxismo ou o Socialismo como necessária e desejada síntese. "O êrro capital continua a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam resolutamente que seus fins não poderão ser atingidos sem a derrubada violenta de toda a ordem social atual. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista" (6). Nem menos teñebrosas foram em 1920, no III Congresso da Juventude Comunista, as palavras do próprio Lênin: "Em uma palavra, a luta do proletariado está bem longe de terminar com a expulsão do Tsar, dos proprietários e dos capitalistas, porque é então que começa precisamente a vez do regime que nós chamamos a ditadura do proletariado... A luta de classes continua e nós devemos subordinar tudo às exigências desta luta... A moral comunista é aquilo que serve para esta luta, é aquilo que reúne todos os trabalhadores contra todas as espécies de desfrutadores e contra todas as espécies de pequena propriedade, porque a pequena propriedade dá a um indivíduo o que pelo contrário foi produzido pelo trabalho de toda a sociedade" (7). Ao satânico brado de Marx: "Proletários de todos os países, uni-vos", a Igreja responde: homens de todas as classes e profissões, unidos! Uni-vos dentro das associações profissionais dotadas do verdadeiro espírito de colaboração, dentro da justiça social e da caridade. Uni-vos à sombra da autoridade económico-profissional que deve ser diversa da autoridade política do Estado. Uni-vos paulatinamente, metodicamente e prudentemente em associações ou sindicatos locais, depois em federações e confederações regionais até formardes a Corporação, de âmbito nacional, cujos atos serão assistidos, referendados e defendidos pelo Estado em vista do bem comum geral. Não posso omitir aqui um trecho do argutíssimo Pio XI na encíclica "Divini Redemptoris": "Na mesma Nossa Encíclica demonstrámos que os meios para salvar o mundo atual da triste ruína em que nos submergiu o liberalismo moral, não consistem na luta de classes e no terror, nem tão pouco no abuso autocrático do poder estatal, senão na penetração da justiça social e do sentimento de amor cristão na ordem económica e social. Demonstrámos como uma sã prosperidade deve ser reconstruída conforme os princípios exatos de um só corporativismo que respeite a devida gerarquia social e como todas as corporações devem unir-se em uma harmoniosa unidade, inspirando-se no bem comum da sociedade". Isto no n.º 32 do referido documento. Mais adante, no n.º 54, pondera ainda o genial Pontífice: "Se se considera o conjunto de vida económica — como temos já destacado em Nossa Encíclica "Quadragesimo Anno" — não se poderá obter o reinado, nas relações económico-sociais, da mútua colaboração entre a justiça e a caridade, senão por meio de um corpo de instituições profissionais e inter-profissionais, sobre bases solidamente cristãs, coligadas entre elas e que constituam, sob diversas formas e adaptadas aos lugares e circunstâncias, o que se chama: a Corporação". Um país é o sindicalismo corporativista, de espírito construtor, de colaboração, de justiça e de caridade entre Capital e Trabalho; e outro é o sindicato marxista, religioso, destruidor, a serviço do ódio, da luta e da vingança. Sem ordem e disciplina corporativa que irmane e reprema os excessos quer do Capital, quer do Trabalho, ficará nossa economia à mercê das crises de infra e super-produção, à mercê da ganância e da concorrência desenfreadadas, à mercê da voracidade dos "tubarões" e das revoltas das massas sem defesa, oferecendo base psicológica para a aceitação do comunismo internacional. E este o quadro atual da vida económica dos Estados Unidos e de nossa pátria também. Como re-

sultado teremos que admitir e até mesmo louvar esta desprimatora intervenção do Estado na vida económica do país, ora por intermédio das comissões de tabelamento, ora por meio de institutos e associações análogas, chamadas autárquicas, ora simplesmente pela polícia de rua. Nesta situaçā cil nos será compreender o que acerca da nacionalização das empresas escreveu o atual Pontífice, em carta de 10 de Julho do ano passado (1946) endereçada a Charles Flory, presidente das "Semanas Sociais" de França: "Un esprit communautaire de bon aloi doit donc informer les membres de la collectivité nationale, comme l'informe naturellement les membres de cette cellule-mère qu'est la famille. C'est à cette condition seulement qu'on y verra prospérer les grands principes de liberté, d'égalité et de fraternité, dont viennent se réclamer les démocraties modernes, mais qui, sous peine des pires contrefaçons, doivent être entendus, cela va sans dire, comme les entendent le droit naturel, la loi évangélique et la tradition chrétienne, qui sont à la fois et eux seuls — les inspirateurs et interprètes authentiques. Cette remarque s'applique, par exemple, au cas particulier qui vous intéresse en ce moment: la nationalisation des entreprises. Nos Prédécesseurs et Nous-mêmes avons plus d'une fois réclamé qui vous intéressiez en ce moment. Or, il est pourtant évident que, au lieu d'entretenir le caractère mécanique de la vie et du travail en commun, cette nationalisation, même quand elle est licite, risque plutôt de l'accentuer encore et que, par conséquent, le profit qu'elle apporte au bénéfice d'une vraie communauté, telle que vous l'entendez, est fort sujet à caution. Nous estimons que l'institution d'associations ou unités corporatives, dans toutes les branches de l'économie nationale, serait bien plus avantageuse à la fin que vous poursuivez, plus avantageuse en même temps au meilleur rendement des entreprises. En tout cas, cela vaut certainement partout où jusqu'à présent, la concentration des entreprises et la disparition des petits producteurs autonomes ne jouaient qu'en faveur du capital et non de l'économie sociale. Aucun doute, d'ailleurs que, dans les circonstances actuelles, la forme corporative de la vie sociale et spécialement de la vie économique favorise pratiquement la doctrine chrétienne concernant la personne, la communauté, le travail et la propriété privée".

Tratando-se de assunto tão grave e sério, tentemos recordar em alguns itens os principíos doutrinários e não técnicos, aqueles "princípios exatos de um só corporativismo" de que nos falou Pio XI. São mais ou menos os seguintes:

1.º — O homem tem o direito de fundar associações económico-profissionais, independentemente do Estado, sempre que as mesmas se mantenham dentro da honestidade dos fins e meios e não contrariem o bem comum geral que o Estado deve tutelar. Assim Leão XIII na "Rerum Novarum": "Pelo fato das sociedades particulares não terem existência senão no seio da sociedade civil, da qual são como outras tantas partes, não se segue, falando em geral e considerando apenas a sua natureza, que o Estado possa negar-lhes a existência. O direito a existência foi-lhes outorgado pela própria natureza; e a sociedade civil foi instituída para proteger o direito natural, não para o aniquilar. (...) Certamente se dão conjunturas, continuo o Papa, que autorizem as leis a opõr-se à fundação de uma sociedade deste gênero. Se uma sociedade, em virtude mesmo dos seus estatutos orgânicos, trabalhasse para um fim em oposição flagrante com a probidade, com a justiça, com a segurança do Estado, os poderes públicos teriam o direito de lhe impedir a formação, ou o de a dissolver, se já estivesse formada" (9). Esta tese é clássica na filosofia social da Igreja e o atual Pontífice mais uma vez a expõe explícitamente na Encíclica "Sertum laetitiae" de 1.º de novembro de 1939 (10).

2.º — Estas associações profissionais, por sua natureza, devem ser livres e pertencer ao direito privado e não ao direito público, como órgãos do Estado. "O sindicato livre na profissão organizada" foi o lema de agão dos democristãos portugueses a "Rerum Novarum". Ouvímos Pio XI na "Quadragesimo Anno": "O homem tem liberdade não só de formar essas associações que são de ordem e de direito privado, mas de nelas introduzir a organização e estatutos que se julgarem mais convenientes para conduzir ao fim. E deve-

CASTRO ALVES - POETA DA REVOLUÇÃO

Maurilio Bruno.

EM ABRIL de 1868, numa carta escrita ao amigo Augusto Guimarães, Castro Alves enviajava as suas impressões de São Paulo. Chegara em fins de março à "cidade das névoas e das mantilhas" e ainda conservava a admiração dos primeiros momentos em que a viria.

O contacto do "filho do Norte" com a cidade, não dera tempo suficiente para habitá-lo ao rigor do clima, ao ineditismo das paisagens, aos hábitos das classes sociais. Diante dos seus olhos o que via eram "casas de Tebas", tão velhas e pretas que davam a impressão de terem sido construídas antes do mundo, e "ruas de Cartago", desertas como se podia imaginar ruas aparecidas depois do mundo. A cidade cheia de espanhóis e alemães que davam a impressão de que ali se casava "Andaluz" com "Heidelberg".

Envolvido no capote, o pescoco enterrado no cache-nez de lã, o poeta passaria, à noite, pelas ruas estreitas, iluminadas à querosene, sentindo, espreitá-lo através das ruelas das janelas a inspiração de uns olhos negros ou por debaixo das mantilhas as formosas moças das mulheiras da Paulicéia. Também em noites de densa garoa ou de luar frio de abril via passar os grupos de se-reiteiros.

Aquelas primeiros dias de acomodação ao novo clima seriam realmente um tanto penoso. Da temperatura morna das noites do Recife e da Bahia confessava ter inveja, certamente sentindo o efeito do frio de São Paulo sobre o seu organismo, ou dominado pelo receio de vir a agravar-se a fraqueza do peito. "Acho-me bastante afetado do peito, tenho sofrido muito". (1) — já dissera em carta escrita do Recife, quando apenas contava dezenas anos, em 1863.

Mas passados os primeiros tempos, estabelecida a aproximação com a mocidade académica de São Paulo, cheia a sua vida de festivais, de banquetes e de comícios, de passeios a cavalo ou simplesmente a pé, na companhia do "grande" José Bonifácio, o mestre de direito que transformara a catedral numa tribuna de eloquência, voltaria a ser o moço apaixonado e expansivo de sempre. Havia também os bailes e sobre tudo o teatro, para o qual as atenções do poeta estavam voltadas. A representação do Gonzaga em São Salvador, em outros tempos considerada por ele "um triunfo", já em São Paulo dizia ter sido uma "caricatura na cena" que lhe dera impetus de tirar o drama ao fogo. Agora preparava-se para lançá-lo à cena novamente. Também de sua terra guardava um ressentimento que o fizera confessar: "em toda parte tenho encontrado uma pátria, menos na Bahia..." Sem dúvida lembrava-se da tarde, num dia das suas da sua passagem pelo Rio, tão diferente, em que subira à Tijuca para visitar José de Alencar, levando uma carta de apresentação de seu conterrâneo Fernandes da Cunha. Dois momentos agradáveis em que convivera com o romântico do indianismo, cercado pela natureza idílica do alto da Tijuca. E depois, a carta enviada a Machado de Assis (2) na qual se revelava o modo compreensivo como era julgado pelo romântico o jovem poeta ainda não conhecido no Rio, mas para quem calculava que muito breve seria conhecido do Brasil inteiro. Quanto à "exuberância de poesia" do Goerga, a culpa atribuía a idade, aos vinte anos do autor, que não podiam ter sobriedade só adquirida pelo tempo, ainda era a generosa impressão de José de Alencar.

Lembrava-se, também, daquele dia de carnaval em que Machado de Assis fora procurá-lo no hotel, onde estava hospedado no Rio. As impressões pessoais da leitura do Gonzaga e das outras poesias que ouviu, de-las o criador do D. Casmurro dava notícias numa carta de resposta a José de Alencar. (3)

Nessa carta fazia alusão às duas qualidades de poesia que encontrara em Castro Alves: "A forma e o estro". Terminava convidando o poeta para que viesse "incluir-se nas fileiras para restaurar o império das musas". Tudo isso se passaria logo depois de sua saída da Bahia, quando ainda estava bem viva a lembrança da recepção fria que recebera de intelectuais de sua terra.

A publicação das cartas de José de Alencar e Machado de Assis nos jornais da Corte, precedera a sua chegada a São Paulo e o fato daquele jovem do norte ter merecido tantos elogios de dois homens de experiência literária, já consagrados nas lettras nacionais, despertara a curiosidade de conhecê-lo, por parte da mocidade académica, dos professores, dos intelectuais.

Mas a ninguém ocorreria dizer que desse aquela dia em que o poeta conheceu Machado de Assis, deixaria de ser um homem

de combate" e tivera de decidir-se entre duas situações: "retirar-se ou morrer". (4)

Nem a conduta revolucionária do poeta em São Paulo, daria margem a suspeitas dessa ordem.

No São Paulo monótono, só saído de "seu estado de habitual sonolência", (5) durante o período de aulas da Faculdade de Direito, com a animação criada pelos estudantes, Castro Alves não se colocava à margem da agitação académica. Matriculara-se no terceiro ano do curso jurídico e entre os cincuenta e seis estudantes que compunham a turma, estava incluído o baiano Rui Barbosa, seu companheiro de "república". Se ia pouco ao velho convento dos franciscanos, convertido em edifício da Faculdade, a não ser com a aproximação dos "malditos atos", o fato não era de estranhar pois constituía um hábito levado do Recife, e mes-



mo era a conduta comum de estudantes da época. Contudo, os colegas o admiravam e os professores também. Naquele ano de 1868 como não tivesse obtido a frequência suficiente para ser admitido aos exames finais, os primeiros o aconselham a requerer uma justificação das "faltas", os mestres dão boas informações ao seu respeito, e afinal é admitido a exames, sendo aprovado. Não era, portanto, um estudante desconhecido, que passasse nos corredores da Faculdade, por entre professores e alunos, sem ser notado.

Enganou-se Silvio Romero em não reconhecê-lo como "verdadeiro lutador", mas apenas um poeta vaidoso que "empolgado" com os elogios de Machado de Assis, fosse adormecer sobre louros. Que a ação de sua poesia social tivesse se anulado em São Paulo, também é outro engano do crítico sergipano. Poucos dias depois de sua chegada a São Paulo o Arquivo Jurídico, jornal de estudantes, realizava uma festa literária, especialmente para nele ser visto e ouvido o poeta. Festa a que compareceram professores e colegas, homens de letras e senhoras da sociedade. Nessa festa o poeta fôr deitamente aplaudido e até uma inglesa o cumprimentou de modo lisonjeiro: "Mi gostá muita da sua fraticativa". (6)

A festa constituiu um acontecimento social de importância, um sarau com "piâniatas", "cantoras", "oradoras" e "valsaadores". "Ai me achei entre amigos" — dizia Castro Alves. Se algum dia obtive um triunfo não foi em outro lugar. Recitara *O Livro e a América, A Visão dos Mortos, As duas Ilhas e apagara a recordação de Fagundes Varela*, afirmava um seu contemporâneo.

Dai em diante os sucessos públicos de Castro Alves seriam constantes. A mocidade conheceria uma linguagem nova de poesia ainda não ouvida antes, nem de Alvaro de Azevedo, nem de Fagundes Varela. Com razão dissera Manuel Bandeira que o "único verdadeiro condor era Castro Alves", quando confessara não poder "colocar a famosa *Terribilis Dea*, o poema menos mau de Pedro Luiz, ao lado do

"Navio Negreiro, das *Vozes d'Africa* ou do Génio da Humanidade". (7) E Pedro Luiz, era o condor que São Paulo conhecia. Como Castro Alves poeta paulista havia dedicado versos a heróis nacionais. A Nunes Machado, revolucionário de Pernambuco, que sacrificara a vida aos ideais políticos, fizera estrofes arrojadas. Também naquele tempo da guerra do Paraguai a oratória da literatura. Até Nabuco "insultra, patrioticamente, o Lopez".

Castro Alves viera suplantar o condor paulista, embora alguém descobrisse em sua poesia influências de Pedro Luiz. Nos comícios políticos ou nas sessões cívicas, a sua voz conquistaria a popularidade. Seu nome também ficaria ligado a um acontecimento de importância política ocorrido na Corte, como o de tantos outros estudantes. A queda do gabinete liberal chefiado pelo ministro Zacarias, provocaria uma enorme agitação no seio do corpo académico de São Paulo. Reinava um desconforto geral de estudantes, professores e jornalistas contra o ministério conservador Itaborahy, que subira ao poder. A posição em São Paulo, tendo a mocidade académica à frente, ia promover um comício. Castro Alves tinha sido convidado a tomar parte no mesmo, mas iria comparecer menos como um liberal de partido do que como um republicano. Quais as razões que faziam Joaquim Nabuco suspeitar de que ele era "no coração" um republicano, mas no lado político que o ligava à "Imprensa", às "associações", às "manifestações públicas" era realmente um homem "do partido liberal", ninguém sabe a origem. Em nenhuma manifestação pública ou privada de pensamento, nos versos que recitou e nas cartas que escreveu, se revela Castro Alves o homem de partido que Joaquim Nabuco quis que ele tivesse sido. "No coração" e na ação ele sempre foi abolicionista e republicano, mantendo compromissos com a liberdade, mas nunca o com faciosismo político. A prova iria dar naquele comício. Não compareceria para fazer discursos em defesa do partido liberal, ou para tecer elogios em torno de políticos. Outros mais interessados na questão, o próprio Joaquim Nabuco ou Ferreira de Menezes, o fariam melhor. Os versos que ia recitar eram dedicados ao herói de uma revolução popular em Pernambuco: Pedro Ivo.

A figura lendária do guerreiro se engrandeceria em seus versos. A bravura do capitão do povo no assalto ao Recife, contra um "general da legalidade", o seu internamento nos sertões de Pernambuco para continuar a luta dos praieiros, ele e o seu grupo perseguidos e caçados como bandidos, os seus tempos de prisão numa fortaleza do Rio de Janeiro, a sua fuga num navio português, para a Europa, o tanto de mistério e de político de seu corpo morto lançado ao mar por marinheiros, todos esses fatos da vida do chefe praieiro constituiriam a inspiração do longo poema. Joaquim Nabuco e Ferreira de Menezes tinham vindo ali para exprimir protestos políticos do momento. Castro Alves levara para o comício os seus ideais republicanos. Naquele momento não se encontrava ali o homem do "partido liberal", que Joaquim Nabuco afirmara ter sido acima de tudo. Estava o homem da ideia republicana, diante do silêncio do auditório que queria ouvi-lo. Contam os seus contemporâneos que antes de recitar Pedro Ivo, o poeta disse algumas palavras de introdução:

— Senhores! Alvaro de Azevedo ouviu atraír as suas estrofes no tapete de um rei, pedindo a vida de um herói; eu jogo as minhas no coração da mocidade, pedindo-lhe o óbulo da imortalidade para o filho espírito da ressaca...

Em seguida aos aplausos da assistência ouviriam-se as estrofes de Pedro Ivo:

Cabelos esparsos ao sôpro dos ventos
Olhar desvairado, sinistro, fatal
Diréis estátua roçando nas nuvens,
Pra qual a montanha se fez pedestal.

Era o Pedro Ivo acima das proporções naturais, como vivia na imaginação do povo, que aparecia no poema, ligado ao ideal da república:

Republ... Vão oussado
Do homem feito condor

O comício daquele dia Castro Alves converteria num comício republicano. A mocidade académica não era aquela que vivera debaixo do exemplo de Byron, intoxicada de aventuras românticas, mas uma mocidade ativa, interessada pela política,

militando nos jornais, nos comícios, nas sociedades revolucionárias. Castro Alves se tornara uma expressão dos sentimentos e ideais dessa mocidade, contudo, se em Recife fundara um jornal, participara de sociedades académicas, frequentara espetáculos, formara um partido teatral para defender Eugênia Câmara, ocupara por frequentes véses a tribuna dos comícios, em São Paulo, embora costumasse participar da vida política da cidade, das iniciativas da mocidade académica, passava por uma fase e sua vida mais dedicada ao trabalho intelectual, à produção poética. As poesias mais sugestivas de sua obra, as mais amorosas, Castro Alves as escreveu em São Paulo. Dessa fase é o *Laço de Fita, A Adeus de Teresa, Boa Noite, Adormecida*. São poesias em que "a gente vê a paisagem e sente o momento, o gosto da fruta, a umidade do rio" (8) como em *Lúcia*:

Na formosa estação da primavera,
Quando o maio se arcia mais festivo,
E o vento campeão bebe ardente
O agreste aroma da floresta virgem,
Eu e Lúcia, corriamo—crianças—
Na veiga, no pomar, na cachocheira,
Como um casal de colibris travessos
Nas laranjeiras, que o Natal enflora.

Também à fase de São Paulo pertencem os maiores poemas épicos de sua obra: *Vozes d'Africa* e *Navio Negreiro*. Nesses dois poemas Castro Alves atinge como nenhum outro o equilíbrio das imagens poéticas. *Vozes d'Africa* sobretudo são os versos mais bem construídos de toda a obra. E não só como forma mas, também, como sentido ético, embora não tenha o poder dramático encontrado em *Navio Negreiro*. *Navio Negreiro* é uma sucessão de cenas que se desdobram dentro do mesmo ritmo dramático, cenas que tomam aspectos de quadros vivos, tal é o poder decorativo aliado à força do sentimento. Há estrofes em que o poeta conduz o sofrimento humano ao máximo de intensidade:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Timir de ferros... estalar de açoites...
Legião de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Em *Navio Negreiro* nem as metáforas, nem as antiteses aparecem com as desproporções encontradas em outros versos. Para criar o drama, Castro Alves não recorre ao descomunal das imagens. Mantive as medidas naturais dos homens e dos fatos. Na verdade ele havia atingido à altura mais equilibrada do sentimento épico de sua poesia.

(1) — Carta a Marcolino de Moura, 16 de Janeiro de 1863, correspondência, *Obras Completas*, 2.º tomo, p. 507.

(2) — A carta foi publicada no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, de 22 de fevereiro de 1868.

(3) — O *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, de 1.º de março de 1868, publicou a carta endereçada a José de Alencar.

(4) — Silvio Romero — Tobias Barreto de Menezes como poeta. *Revista Brasileira*, tomo 8.º, 1.º de abril de 1881.

(5) — Spencer Vazpré — *Memórias Para a História da Academia de São Paulo*.

(6) — Carta de Castro Alves a Augusto Guimarães, em abril de 1868.

(7) — Manuel Bandeira — *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1937.

(8) — Mário de Andrade, Castro Alves, ob. cit.

Capítulo da Monografia Castro Alves Poeta da Revolução, premiado pela Diretoria de Documentação e Cultura, no concurso promovido durante as comemorações do centenário do nascimento do poeta baiano, em Recife.

A Igreja e o Corporativismo

(Continuação da pág. 6)

se reivindicar a mesma liberdade para a fundação de associações que ultrapasssem os limites de cada uma de suas partes. As associações livres, pois, que já florescem e produzem frutos salutares, devem abrir o caminho para formar aquelas corporações mais perfeitas que já mencionamos e com todas as energias de que dispõem promovê-las, segundo as normas da sociologia cristã" (11).

3.) — Consequentemente: o Estado não pode, por motivos técnicos, burocráticos, políticos ou doutrinários, impor o sindicato único, sem golpear o direito natural da pessoa humana. Isto aconteceu no Brasil até os nossos dias, como aconteceu no "Corporativismo de Mussolini vergastado na "Quadragesimo Anno" (12).

4.) — Sendo o Estado sociedade ou poder político e não econômico, deve ficar fora ou não intronter-se na vida ou organização íntima das associações em apreço. Em razão porém do bem comum geral que ele deve defender, assista ao Estado, conforme lemos no n.º 81 da "Quadragesimo Anno", o munus de "dirigir, vigiar, urgir e obrigar" essas associações em função e em razão do mesmo bem público a ser por todos colimado. Esta também fôra a lucidíssima doutrina de Leão XIII na "Rerum Novarum". Eis suas palavras: "Proteja o Estado estas sociedades fundadas segundo o direito; mas não se introntere no seu governo interior e não toque nas ruelas íntimas que lhes dão vida; pois o movimento vital procede essencialmente de um princípio interno, e extingue-se facilmente sob a ação de uma causa externa" (13).

5.) — O Estado não só deve permitir mas também esperar que os indivíduos e estas associações realizem no campo econômico-social o bem que estiver ao seu alcance. Quando porém os mesmos fracassarem nesse intento, assistirá ao Estado o poder extraordinário de intervir, de suprir, de completar ou anar essas deficiências, das as circunstâncias anormais das coisas. E' o poder que na "Quadragesimo Anno" vem chamado de *subsidiário* ou *supletivo* e que Pio XII cognomina de "integrativo e ordenador", na sua monumental mensagem radiotônica de comemoração do 50.º aniversário da "Rerum Novarum", em Pentecostes de 1941 (14). "Disto se conclui, assim fala Pio XII, em outro ponto do mesmo documento, que o dever e o direito de organizar o trabalho do povo pertencem antes de tudo aos interessados imediatos: patrões e operários" (15). E no já referido discurso aos novos cardinais, de 20 de fev. de 1946, o Santo Padre volta a à mesma doutrina nos seguintes termos: "o que cada

homem pode fazer por si e com suas próprias forças não lhe deve ser tirado e atribuído à comunidade; princípio que vale igualmente para as comunidades menores e de ordem inferior em face das maiores e mais altas" (16).

6.) — Deve o Estado, em lugar de dificultar ou suprimir, promover a fundação dos sindicatos ou associações profissionais; doura maneira ficará oprimido por um onus que lhe não pertence, segundo o que expressamente lemos no n.º 79 da "Quadragesimo Anno" e na primeira encíclica do ascético e sofredor Pio XII, "Summi Pontificatus" (17).

7.) — Ensina a Igreja, e o bom senso o confirma, que a organização concreta e técnica destas associações tem que ser diversa conforme as condições igualmente objetivas ou concretas, as necessidades, a indole, as crises e os problemas de cada povo. Eis o que diz a "Rerum Novarum": "Não cremos que se possam dar normas certas e precisas para lhes determinar os pormenores; tudo depende do gênio de cada nação, das tentativas feitas e da experiência adquirida, do gênero de trabalho, da expansão do comércio e de outras circunstâncias de coixa e tempo, que se devem pesar com madureza" (18). Oh! se os nossos improvisados técnicos de gabinete tivessem meditado nestas atiladas administrações! Com a mesma beleza e profundidade escreve Pio XII na Encíclica "Sertum Laetitiae" de novembro de 1939, cujos dizeres omito de amor à brevidade (19).

8.) — O sindicato deve promover e defender todos os interesses e direitos dos sócios sem omitir os religiosos e os políticos, no sentido nobre do termo, conforme absurdamente estatuiu a legislação trabalhista nacional, e ao mesmo tempo promover a harmonia entre o Capital e o Trabalho. E' a doutrina contida nos números 34 e 36 da "Rerum Novarum" e repetida em Pentecostes de 41 por Pio XII (20).

9.) — A 5 de junho de 1929 o gênio universal de Pio XI, por intermédio da Sagrada Congregação do Concílio, endereçou ao então Bispo de Lille, D. Aquiles Liémar, uma carta doutrinária sobre o sindicalismo, condensada em 7 princípios, que eu não posso, em justiça omitir neste momento. São os seguintes:

a) — "A Igreja reconhece e afirma o direito dos patrões e operários de estabelecer associações, sindicatos, separados ou mixtos, e vé neles um meio eficaz para a solução da questão social".

b) — "A Igreja, no atual estado de coisas, julga moralmente necessária a constituição de tais associações sindicais".

c) — A Igreja exorta a formar tais associações sindicais".

d) — A Igreja quer que as associações sindicais se estabeleçam e governem conforme os princípios da fé e da moral cristã".

e) — "A Igreja quer que as associações sindicais sejam instrumentos de concórdia e de paz, e nesse intuito sugere a criação de comissões mixtas como meio de união entre elas".

f) — "A Igreja quer que as associações sindicais fundadas por católicos se constituam entre católicos, sem desconhecer, não obstante, que em casos particulares a necessidade possa obrigar a proceder de outra maneira".

g) — "A Igreja recomenda a união de todos os católicos para um esforço comum nos vínculos da caridade cristã" (21).

Quem, diante de tais princípios, pode deixar de ver na Igreja a mestra da verdade e a salvação dos povos?

Infelizmente os autores da nossa Constituição última, de setembro de 1946, não foram capazes de vencer o aleijado dilema: ou liberalismo tradicional ou marxismo revolucionário. O Título V da Carta Magna está a merecer um estudo crítico cuidadoso, que neste momento não podemos executar. Contem excelentes princípios de justiça social; mas seu espírito é antes liberal do que corporativista. Seus princípios são antes disciplinários, de ordem intervencionista, do que de indole institucional ou corporativa.

Será que para os nossos ilustres Constituintes a palavra corporação, corporativismo, é sinônima de ditadura, de fascismo, como inscramente, há-muitos anos, aprofiam os comunistas? Não nos assiste o direito de reputá-los tão ignorantes. Nós não defendemos o corporativismo estatal, ditatorial, mas o corporativismo de associações livres. E quem não for capaz de compreender esta distinção, que é essencial, não é digno de discutir estes problemas! Lembremos-nos de que, em pleno apogeu do fascismo e do hitlerismo, em 1935, na França de todas as liberdades, — e por isso mesmo também infeliz, — a elite dos seus sociólogos católicos reunidos na sua 27a. "Semana Social" discutiu profundamente o problema corporativo, como também no Parlamento o fizeram vários deputados, de uma maneira completamente anti-estatal, anti-ditatorial. A livraria Galvão, de Paris, reuniu os trabalhos da semana em um volume de 632 páginas. Ditatorial em verdade e errôneo foi aquêle corporativismo estatudo apressadamente no artigo 140 da finada Constituição de novembro de 1937 (22). Ditatorial e errôneo pelos seguintes motivos:

1.) — Porque evidentemente artificial ou intempestivo. Pois, a Corporação supõe como base natural uma vasta rede de associações, federações e confederações eco-

nómico-profissionais, distribuídas por toda a nação. Ora, isto não tinhamos nem possuímos ainda hoje.

2.) — Porque nosso pequeno movimento sindical já era de indole político-estatal, uma vez que organizado ou vanado em moldes estritamente governamentais, como todos nós sabemos, fornecidos pelo governo.

3.) — Porque o sindicato único, contrário ao sentir da Igreja, do artigo 138 da mesma Constituição de 37, é um plágio, ao fracassado de 1935, estavam filiados à leva de Mussolini, com execção de poucas palavras que deram ao nosso texto maior elasticidade e também maior domínio de ambiguidade (23).

4.) — Porque o sindicato único do artigo 138, aliás herdado do Decreto-lei 19.770 de 19 de março de 1931, artigo 9.º (24), derrubado pela Constituição de 1934, artigo 129 (25), e ressuscitado até os nossos dias e mais uma vez confirmado no art. 516 da "Consolidação das Leis Trabalhistas", decretado a 1.º de maio de 1943 (26), não somente contraria o próprio direito natural, como outrrossim o artigo 122, n.º 9, da mesma Constituição de 37, assim redigido: "liberdade de associação, desde que os seus fins não sejam contrários à lei penal e aos bons costumes". Ora, a pluralidade sindical é crime, nem jamais ofendeu os bons costumes!

5.) — Porque, além de reduzidíssimos em número, nossos sindicatos, em sua maioria, pelo menos até o golpe comunista fracassado de 1935, estavam filiados à legendas internacionais de espírito marxista, revolucionário, conforme atestam publicações oficiais do "Bureau International du Travail" (27). Por todos êsses motivos, a que improvisado e pueril Corporativismo decretado na Constituição de 37 não podia deixar de ser, como realmente aconteceu, tanta inutil em papel desvalorizado.

Já devia ter acabado. Vou fazê-lo agora. Do que ficou exposto devemos concluir que é necessário marchar para uma ordem econômica corporativa. Marchar para o Corporativismo de associação e não para o Corporativismo estatal, ditatorial. Esta marcha terá que ser vagarosa, porém metódica e firme, dentro da justiça e da caridade. Sem êste clima de justiça e caridade, de disciplina e colaboração, não haverá Corporativismo, nem cessará a batalha cruel entre o Capital e o Trabalho.

Agradecemos à Igreja, refúgio das nossas almas sofredoras e luz divina das nossas inteligências, esta confortadora doutrina econômico-social sobre o Corporativismo. O verdadeiro corporativismo é intrinsecamente anti-liberal; é intrinsecamente anti-ditatorial e, neste sentido, anti-estatal; é intrinsecamente anti-comunista. Ele está longe de nós. Mas nele estão nossas esperanças.

(Continua na pág. 16)

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinhas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

4 — Após o movimento de 1930, se abriu sob perspectivas inteiramente novas, fazendo-se sentir mais intensamente nas camadas sociais e sobretudo nas elites pensantes, o grande drama ideológico que tem comibrado a velha Europa a braços com problemas ainda insolúveis, decorrentes dos choques de cultura, de raças, de forças econômicas e de correntes religiosas. Assim, até nos colégios secundários um grande silêncio se abria e se aprofundava mais verticalmente nos círculos universitários, formando-se os extremos, da esquerda e da direita. Tôdas as organizações estudantis eram abaladas por esses reflexos emanados de um drama profundo. De 14 a 20 anos, os estudantes eram arrastados pelas correntes ideológicas, mergulhados uns pela superficialidade de conhecimentos, mas empolgados com a luta, e outros pela penetração nos problemas da vida e do espírito, porém igualmente impulsionados pelas "nuances" épicas de uma grande aventura.

Foi nesse ambiente que se destacou Glauco Pinheiro, estudante de medicina e com pouco mais de 18 anos. Era um ativista da esquerda, mas sem enquadração nas linhas rígidas do Partido de Prestes. Contudo, jogado à arena pelo seu espírito irrequieto e audacioso, logo se viu em fins de 1935, recolhido à Casa de Detenção desta cidade, juntamente com os homens sem compromissos partidários, mas embrulhados no clima da suspeita e das investigações, como o grande Ulysses Pernambucano e o burguesíssimo Fonseca Lima. Os dias se passaram e já nos abôres de 1936, tôda a cidade de Recife começou a sentir uma movimentação de tropas, policiais, investigadores, guarda-civis e até bombeiros, desde a praça da Independência ao mais distante dos subúrbios como Várzea, Tejipió, Olinda, Beberibe e Campo Grande. E tôda essa mobilização era provocada pela fuga espetacular de Glauco Pinheiro da Casa de Detenção. Driblando a vigilância de mais de duzentos beagulhos policiais, passando livremente por cinco portões de ferro, enfrentando friamente a morte, pois a ordem para os casos de fuga era a de tirar sem pena, Glauco Pinheiro ganhava o espaço como um passo cativeiro que se aprofunda de juma chance rara. Quando, entre desenhas de prisioneiros, passava de sua cela para a enfermaria, deixou-se ficar num W. C. intermediário, onde se desfez rapidamente de uma barba crescida sob segundas intenções, de um pijama que já encobria um terno bem engomado e, munindo-se de uns óculos pretos e de um bigode tipicamente policial para melhor confundir os guardas responsáveis pela vigilância do presídio, corajosamente deu às vilas a Diogo. Como um técnico, sem qualquer título do estreitante em aventuras românticas, apanhou, na praça Joaquim Nabuco, um autô de praça, com o qual deu umas voltas despiadadas pela cidade, entrando para outro no cais do porto e se utilizando do mesmo processo que se foi repetindo em todas as praças de estacionamento de automóveis, até o mítico do Arraial, em Casa Amarela.

Lembro-me com emoção que, numa noite de janeiro de 1946, quando passava pela rua Bispo Cardoso Ayres, topando aqui e ali com patrulhas que buscavam o fugitivo, lá me veio um operário. Macacão sujo de óleo, chapéu abanado e bem gasto, óculos baratos e escuros, sapatos tenis e umas ferramentas velhas escondiam o Glauco Pinheiro bem trajado e elegante que agitava a faculdade de Medicina e se envolvia nos assuntos políticos que eram debatidos nos corredores da Faculdade de Direito. E, enquanto a minha apreensão aumentava pela sorte do colega tão procurado pela po-

lícia de Malvino, o seu sorriso franco e a sua confiança em si mesmo me surpreendiam. Foram minutos de uma conversa bem estranha que valiam por um século. As minhas advertências de que tivesse cuidado, pois tôda a cidade estava sob a mais severa observação policial, vieram respostas em tom convincente, de um espírito sem temor, forte e resoluto como aquelas figuras de Dumas que amam o perigo. Falou-me o Glauco de sua genitora com o carinho desperado por uma imensa saudade. Iria deixar Pernambuco sob mil disfarces e não a tinha visto nem a podia ver e nem tão pouco lhe era possível precisar quando dela teria oportunidade de aproximar-se. O futuro era uma interrogation demorada, sombria e inquietante como a grande noite fascista.

Um dia, muito tempo depois desse encontro contundente para o meu espírito, um velho e dedicado amigo da minha família, o capitão Frederico Mindelo, então chefe de polícia de Pernambuco, entrou em casa de meus pais e vai dizendo logo — "O Glauco foi encontrado e já ouvido. E' um adversário perigoso, um inimigo da ordem, um rebelde impudente, mas se impõe como um homem de coragem e de atitudes". E, assim fui sabendo que o Glauco tinha conseguido alcançar o Paraguai, viajando pelo interior, tropeçando em inúmeras dificuldades, trabalhando aqui e ali nos mais diferentes serviços, lutando contra um Bayard moderno, invencível e diabólico.

Tinha sido a sua preocupação em dar notícias à família, a causa de seu regresso à Casa de Detenção. De uma cidade paraguaya, atravessava a fronteira e vinha depositar suas cartas para Pernambuco, a fim de evitar que seguissem um caminho mais longo por Assunção, Buenos Aires e Rio. Numa dessas viagens, mal jogava a sua mensagem, pacífica e sentimental, à caixa do correio brasileiro, vozes conhecidas e ameaçadoras transformaram o Glauco em um cativeiro.

Alguns anos em várias prisões, no Recife, em Fernando de Noronha e no Rio, consumiram a sua condenação pelo Tribunal de Segurança.

Há poucos dias, numa das bancas do Lafayette, já amadurecido tão preocemente, pelas longas e árduas caminhadas por este mundo desmantelado, Glauco Pinheiro me contava o epílogo de sua odisséia e me expunha as razões que determinaram a sua posição de combate, nos dias que correm, à linha de Prestes e de seu partido. Distanciado de um passado remoto, Glauco é hoje um manso e pacífico membro da Esquerda Democrática, fiel às suas idéias mas de atitudes moduladas pelo tempo, refletidas num conhecimento mais agrido e seguro dos problemas da época. Integrado no espírito de renovação que já mobilizou grandes correntes de opinião em favor das reivindicações sociais, sem preocupações subterrâneas, é um crente na democracia e no êxito da busca pelo bem estar humano dentro de rumos ajustados à realidade brasileira e às suas tradições. E' um

Glauco Pinheiro da ordem e da lei, na equação dos problemas mais prementes que se ajustam bem a fórmulas práticas e objetivas que qualquer Governo bem intencionado poderá adotar, sem alterar estruturalmente os princípios da República, nem ferir a sensibilidade de uma Nação que nada tem de oriental nem nada pode conseguir dentro de uma orientação política, em choque profundo com os seus hábitos e costumes antimentais e cristãos que forjaram uma conciência mística e bela, na pureza de suas intenções políticas e sociais. E' um Glauco bem longe do "underground" e cada vez mais integrado no "front" que decide os destinos dos povos, na luta em campo aberto da democracia.

5 — Na madrugada de 4 de outubro de 1930, a cidade do Recife acordava sobressaltada, ouvindo-se tiros isolados em direções diversas. Os pernambucanos faziam a sua história com o mesmo calor que animou um Mathias de Albuquerque. Correu logo de boca em boca o nome de Muniz de Farias que havia tomado de assalto o quartel da Soledade, de comando apenas 12 a 15 soldadinhos do tiro de guerra 333. Contava-se ainda que o tenente Hélio Coutinho, à frente daquela Escola de Instrução Militar, tinha atacado o quartel do antigo 21BC, sofrendo grave revés. Jovens heróicos de 18

guerra estandalhado, ao todo 15 homens no máximo, corajosos mas inexperientes, rumou aquele pernambucano das Tabocas para o quartel da Soledade onde se achava depositado todo o armamento da 7a. Região Militar, naquela época agitada pela Aliança Liberal e alimentada pelos erros profundos de Washington Luiz. Residindo naquelas vizinhanças, soube do estranho diálogo dentro da noite, entre Muniz de Farias e o sargento comandante do grupo de combate que guardava aquele depósito de material de guerra. As exortações à Pátria não convenceram o sargento que continuava firme no propósito de defender as armas sob sua guarda. Entraram as ameaças e de súbito Muniz de Farias investiu com os seus rapazes, dominando com incrível audácia e rapidamente uma posição de suma importância para o movimento revolucionário que havia começado com uma fragorosa derrota.

E se ele agiu como um bom soldado no ataque ao quartel da Soledade, movimentou-se em seguida como um magnífico caudilho, arrastegamente logo centenas de homens. Não passava um motocarro, um condutor, um baleiro, um cargador, um peixeiro, um homem do povo enfim que não fosse recrutado para a luta. As oficinas da Tramways na rua Fernandes Vieira forneceram contingentes poderosos que ficaram conhecidos como

Os assaltos violentos do trepidante capitão Cardim, comandante do esquadrão de Cavalaria, foram repelidos um a um e violentamente pelo Muniz de Farias. As investigações da Polícia Militar, mal orientadas pelo Cel. Wolmar da Silveira, comandante timido e pouco afeto às lutas de barricadas, tiveram nas ruas da Intendência e Conde da Boa Vista, o mesmo fim, em nada adiantando as ofensivas desfechadas pelos carros blindados que ficaram espatifados e no asfalto da curiosidade pública. Muniz de Farias, pelo seu desempenho, pela sua bravura, pela sua capacidade de improvisação estratégica, firmava as bases da vitória do movimento revolucionário de 1930 não apenas em Pernambuco, mas em todo o Norte. O que se passou cabe bem num volume alentado. A figura de Muniz de Farias avulta a todo momento, agigantando-se à medida que o quartel de Cinco Pontas, a Casa de Detenção, o quartel do Páteo do Paraiso e todos os outros fortins da legalidade se iam rendendo à onda vitoriosa que começava como um filete insignificante tão rapidamente engraxado por Muniz de Farias.

Em 1931, quando o advogado Pedro Calado e o tenente Hélio Coutinho sacudiram a cidade de Recife, num volume revolucionário sem pê nem cabeça, mas muito mais séria e mais dura para a população pacífica do que a de

ganga e a força incontrolável de instintos primitivos que nunca puderam ser bem desbastados pela convivência universitária, transformavam o Muniz de conservador a esquerda dos mais avançados. Ele se metamorfosearia até em milhista para melhor combater aqueles a quem havia dado mão forte na escalação do poder. A oportunidade dêsse combate era tudo para ele, fizesse qual fosse e por mais contraditória que parecesse aos seus sentimentos mais intenos.

Era um caudilho cheio de vontade para vencer o inimigo. Um caudilho heróico e sem outros rumos senão aqueles ditados por um profundo, imenso e surdo rançor.

Tudo isso lhe trouxe uma vida amarga. Casado pela polícia, demitido de seu tabellonato, vivendo a angústia dos fugitivos, Muniz de Farias ainda agitou tôda a Faculdade. Comegou o ano de 1936. As matrículas se abriam. Todos davam o Muniz como perdido e já a turma lamentava a ausência do colega que não se formaria por certo, quando uma mulher do povo, munida de uma procuração que ninguém sabia como arranjou, inscreveu Muniz de Farias no quarto ano de direito, pagando todas as taxas de lei. O Diáretor, o venerando e saudoso Andrade Bezerra estava pálido, mas cumpriu com o seu dever. O fugitivo era de fato e de direito um abuno do quarto ano. Isso ficou no coração da turma. As dificuldades não impediram que Muniz de Farias salvasse um ano de estudos universitários. Mais uma vez o homem tinha artes de bruxo. Mas, o seu desejo de se bacharelar, trouxe consequências tremendas. Poucos dias depois era localizado o seu esconderijo e ao invés de um templo de justiça e do direito lhe reservaram um destino diferente numa prisão qualquer.

O tempo passou. A lembrança de Muniz de Farias esmaecia com os anos. A turma de 1937 concluía o curso jurídico sem ele.

Só há alguns meses é que li nos jornais a notícia de que Muniz de Farias estava advogando no Rio e depois o meu amigo Evaraldo Guerra me informava que o herói de 30 estava residindo em Canhotinho. Era um advogado bem distanciado do caudilho, um temperamento já moidado a uma profissão onde a bravura não encontra oportunidade nem a fértil constitui argumentos.

Do revolucionário de 1930, só resta o nome, honrado mas sem as marcas de novas legendas que faziam de Muniz de Farias o homem temido pelos governos, respeitado pelos adversários e disputado pelas forças políticas de oposição.

Outros nomes estão esquecidos. Outras gerações brotaram. Heróis aqui e ali surgem. Uns ostentam medalhas e condecorações, outros apenas apresentam faces denunciadoras de um passado cheio de lutas e decepções ou de experiências que agora servem como alicerces de uma vida estavel e tranquila.

TODOS OS LIVROS
COMPRADOS NA
LIVRARIA UNI-
VERSAL TRM
DESCONTOS ESPE-
CIAIS

LIVRARIA
UNIVERSAL

Av. Rio Branco, 50
RECIFE —

IMAGENS HEROICAS da MINHA JUVENTUDE

Abelardo Jurema

nas dificuldades, trabalhando aqui e ali nos mais diferentes serviços, lutando contra um Bayard moderno, invencível e diabólico.

Glauco Pinheiro da ordem e da lei, na equação dos problemas mais prementes que se ajustam bem a fórmulas práticas e objetivas que qualquer Governo bem intencionado poderá adotar, sem alterar estruturalmente os princípios da República, nem ferir a sensibilidade de uma Nação que nada tem de oriental nem nada pode conseguir dentro de uma orientação política, em choque profundo com os seus hábitos e costumes antimentais e cristãos que forjaram uma conciência mística e bela, na pureza de suas intenções políticas e sociais. E' um Glauco bem longe do "underground" e cada vez mais integrado no "front" que decide os destinos dos povos, na luta em campo aberto da democracia.



Falam os Críticos

RENOVAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO

"Mesmo os que não queriam aceitar o humanismo científico de um Leconte du Nouy, como nós aceitamos, uma coisa só não forçados a admitir se forem leais: A Ciência se acha atualmente, não mais em ordem fechada, como no século passado, mas em ordem aberta. É uma volta à disponibilidade. É uma reabertura de suas portas aos novos ventos do século do espírito. É uma renovação do espírito científico. É o fim da ditadura monolítica da Ciência com C maiúsculo, e sua substituição pelas ciências particulares e gerais, e por um espírito científico muito mais plástico, mais inteligente, mais suave, mais objetivo, mais compreensivo, em suma infinitamente mais científico. Não se trata de uma "faillite de la science", como dizia Brunetière no fim do século passado. Trata-se de uma renovação do espírito científico, pela humildade e pelo amor da verdade, duas virtudes que a "ciência fechada" não conseguia destruir e iriam reabrir a janela da verdadeira ciência. Pois o "espírito fechado" é tão inimigo da verdadeira FÉ como de verdadeira ciência. O fanatismo é simultaneamente um critério de falsa religião e de falsa ciência.

(Tristão de Athayde — trecho de artigo — "Jornal do Commerce" — Recife, 17-8-47).

RELENDRO MAUPASSANT

"A obra-prima de Maupassant foi o seu primeiro conto: Boule de suif. A história da prostituta que se comporta perante o inimigo alemão, com dignidade maior do que os burgueses respeitáveis. Depois veio o mais brilhante dos seus contos: La Maison Teller. O bordado como o ponto de reunião, muito respeitável, dos burgueses da pequena cidade. Já é a rotina do paradoxo. Enfim, as prostitutas e seus fregueses chegaram a substituir, em Maupassant, o resto da população francesa. E foi a rotina, a mecanização. Os personagens tornaram-se bonecos de técnicas novelísticas. Essa técnica baseia-se porém numa filosofia muito séria e muito triste. E o determinismo absoluto."

(Otto Maria Carpeaux — trecho de artigo — "A Manhã" — Rio, 20-7-47).

ZOLA E SEU TEMPO

"É uma excelente biografia a que escreveu Matthew Josephson sobre "Zola e seu tempo", e que a Companhia Editora Nacional acaba de publicar em tradução de Godofredo Rangel.

Aliás seria difícil uma biografia de Zola que não alcançasse diretamente os fatos e os homens mais representativos do seu tempo; que não fosse também um espejo da sua época. Porque fatos e homens do fim do século passado, na França, ele não os viveu apenas na sua obra, no ciclo dos seus "Rougon Macquart", ou nos seus documentos literários e nas suas crônicas de jornal; viveu-os também e em muita parte pelo lado da ação, como ator, mais do que como espectador.

Dai intensificar-se mais o interesse dessa biografia; e o que foi, sob muitos aspectos, vida realmente vivida ter mu-

tas vezes o ar extraordinário de coisa de ficção mais do que de história".

Olivio Montenegro — trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 17-8-47.

O NOVO MANGABEIRA

"Enquanto a oratória do sr. Otávio Mangabeira não é a mesma agora que foi nos seus dias de discípulo ou imitador desse passivo de Rui. E outra. Por isto não hesito em afirmar que admiro hoje no sr. Otávio Mangabeira o orador sem igual na arte ou na técnica do debate, da réplica, do discurso político que ele foi na Constituinte de 46. Principalmente nos encontros com oradores desavistados como os "leaders" comunistas-prestas, quando todos, nesses momentos, uns como possessos de sessões de baixo espirituismo; ou com os advogados mais ruidosos do sr. Getúlio Vargas, igualmente históricos em suas estridências de voz ou desempêro de gestos como aliás o próprio sr. Getúlio Vargas na sua infeliz resposta ao sr. Alomar Baleiro. Em contraste com essa história tumultuosa de tropicais mal educados, a firmeza, a nitidez, a precisão da palavra do sr. Otávio Mangabeira, seu gesto justo e sobrio, sua voz capaz de todas as vibrações masculinas — inclusive as de indignações ou de ira — deram-me a impressão de um orador igual aos maiores que tenho ouvido nos parlamentos do estrangeiro; e sem igual entre os modernos oradores políticos do nosso país".

(Gilberto Freyre — trecho de artigo — "Diário de Pernambuco" — Recife, 6-7-47).

A OBRA DE CARLOS CHIACCHIO

"Poeta de discreta emoção, na coleção de sonetos inéditos de 'Horas', e nos poemas de 'Infância', publicados há alguns anos, a biografia geral de Chiacchio é, todavia, das mais reduzidas, no que diz respeito a livros acabados. Entretanto, nem por isso poderá ser esquecido seu magistral estudo sobre o plágio, enfeixado no volume 'Os Grifos', que constitui, com 'A margem de uma polêmica', a poderosa expressão da sua obra de panfletário de parentes, ou não remoto, com Flávio e Camilo, de suas mais fiéis preferências. Quanto a sua inumerável produção no campo da crítica, da literatura contemporânea, que haveria sem dúvida inestimáveis páginas a ressaltar, fica dispersa especialmente na coleção do jornal da Bahia 'A Tarde', onde ocupou semanalmente durante vinte anos, um largo roda-pipa. 'Homens e Obras', da mais intensa repercussão no Estado, quando não raro aqui mesmo na metrópole, sempre que transpunham as fronteiras da província. Tendo perdido, há cerca de dez anos a única filha, Raefilia, uma admirável criança de cujo talento e sensibilidade ficou à memória de deliciosos poemas de cunho e sentido intimista, e, ainda há pouco mais de um ano, envolvendo Carlos Chicchio, desaparecendo assim sem deixar quem lhe siga o nome na Cidade do Salvador, que ele tanto amava com aquela seu lirico desabrochamento de homem de suas rias expectantes da calada da noite".

(Augusto Frederico Schmidt — trecho de artigo — "Correio da Manhã" — Rio, 17-8-47).

"É uma excelente biografia a que escreveu Matthew Josephson sobre "Zola e seu tempo", e que a Companhia Editora Nacional acaba de publicar em tradução de Godofredo Rangel.

Aliás seria difícil uma biografia de Zola que não alcançasse diretamente os fatos e os homens mais representativos do seu tempo; que não fosse também um espejo da sua época. Porque fatos e homens do fim do século passado, na França, ele não os viveu apenas na sua obra, no ciclo dos seus "Rougon Macquart", ou nos seus documentos literários e nas suas crônicas de jornal; viveu-os também e em muita parte pelo lado da ação, como ator, mais do que como espectador.

Dai intensificar-se mais o interesse dessa biografia; e o que foi, sob muitos aspectos, vida realmente vivida ter mu-

O LIVRO DO MÊS

INTERPRETAÇÃO DO BRASIL, de Gilberto Freyre

"lô form a nossa maioridade cultural.

Se a crítica dos Estados Unidos, da Inglaterra e do México já havia salientado ser "um livro revelador, escrito de modo fascinante" (Angel Flores), ou um "livro sugestivo, repleto e em ideias sugestivas, recomendando-se também pelo estilo" (Ralph Bates), em Pernambuco — em face do interesse que despertou em todas as camadas de leitores desde os professores, médicos e bacharéis até os industriais, estudantes e trabalhadores — não há notícia de outro livro que mereça mais a classificação de NORDESTE para ser considerado o melhor livro do mês de julho do que "Interpretação do Brasil".

Reunindo em volume as conferências que pronunciou na Universidade do Estado de Indiana, no outono de 1944, o sociólogo Gilberto Freyre confirmou, e eu já nem sei quantas vezes, o seu inovador conceito de homem de estudos sérios que se não deixa levar pelo "demônio da facil literatura". Antes, cunhando todos os os seus livros com aquela marcação forte de sugestões aventureiras através de pesquisas e documentários pacientemente analisados, o escritor pernambucano é um exemplo de trabalhador conscientioso e, sobretudo, do estudioso vigilante da sua própria e fecunda imaginação de escritor.

Em "Interpretação do Brasil", ele nos oferece uma síntese admirável da formação histórica do nadir brasileiro até nossos dias. E realizou uma obra de só patriotismo, que repercutiu tão bem no estrangeiro, dentro do país, a mais significativa das homenagens de seus conterrâneos: — um verdadeiro "record" de livraria em todos os Estados do Brasil. — A. J.

*

Falam os Poetas

O DRAMA DE PÉGUY

"O drama espiritual de Péguy é um drama que se passa na terra. A terra é o próprio terreno do drama cristão. Cristo foi um Homem que viveu na terra e fez das águas, das próprias águas, terra firme, nelas caminhando como se atraíasse um campo. O mar é pagão e, por vezes, Velho Testamento. Mas, apesar disso tudo, se querímos definir, ou nos aproximarmos de uma definição da poesia de Péguy, temos de recorrer ao mar. É a grande massa, por vezes melancolicamente adormecida e o ritmo de onde que se nos habituamos a ouvir, parece sempre o mesmo, nas suas infinitas variações. E, enfim, o mar noturno inquieto, esse pôco de inquietude. Os grandes, os longos versos de Eve, por exemplo, não dão a impressão das solides marinhas, horizontes enormes, massas de poemas cortadas por correntes luminosas. Tudo o que há de exterior, digamos de fato, na poesia de Péguy, lembra o mar nos seus movimentos, nos seus irrevelados segredos. E que a poesia de Péguy é uma viagem, é um caminhar que se identifica por uma forte semelhança com os caminhos do mar, desse mar, que foi também, nos tempos iniciais, o leito do próprio Deus e onde a Face de Deus flutuava".

(Augusto Frederico Schmidt — trecho de artigo — "Correio da Manhã" — Rio, 17-8-47).

O NOVO RAUL BOPP

"Mas o novo Bopp, o Bopp depurado está antes na pureza de certos versos, direi melhor, de certas nuances com que ele acabou mosqueteando a pele da grande cobra. As arvoresinhos que sonham viagem eram antigamente árvores de galhos idiotos, arvoresinhos sujas que levantavam vestidos, quando muitas arvoresinhos impiedados que massam luz com leite, árvores encalhadas, árvores esmagadas, árvores estendendo geometria. Nenhumas delas tinha a docura das arvoresinhos que sonham viagem, nem da arvoresinhos empilhada que fez um esforço para ser mísica, nascida da ternura post-antropofágica de Raul Bopp. Essa ternura desabrocha ainda num verso que é pura delícia:

o ruído manso dos rios carregando queixas do caminho

o que, por cima das modas literárias e das querelas de gerações, vai encontrar o grande verso de Raimundo Correia: o coração das águas satisfeito".

(Carlos Drummond de Andrade — trecho de artigo — "Correio da Manhã" — Rio, 17-8-47).

Falam os Editores

ESTUDOS Sobre HISTÓRIA DO BRASIL, de Ernesto Ennes

inda virgem do homem; mas, enfim, é da poesia".

Obra que enriquece a literatura e o vocabulário pátrico, bem ao alcance de todo o mundo. A. C.

(Aba do romance "Catimbo" — de Sabinho de Campos — edição Zélio Valverde — Rio, 1947).

"A OUTRA COMÉDIA" — romance de W. Somerset Maugham.

— (Aba do romance "A outra comédia", de Somerset Maugham).

"Onde termina a realidade e começo a ficção na vida das atrizes? O último romance de W. Somerset Maugham é uma apaixonante resposta a esta pergunta. E assim vem ocupar destacado lugar na galeria das suas inesquecíveis figuras uma nova personagem: Júlia Lambert, a atriz, de quem o filho dizia: "Tu não existes. Nada mais é senão uma das inúmeras criaturas que tens interpretado".

(Aba do livro de Ernesto Ennes — ESTUDOS SOBRE HISTÓRIA DO BRASIL — Edição da Cia. Editora Nacional — S. Paulo 1947).

"CATIMBO" — romance de Sabinho de Campos.

"COTIMBO" — romance de Sabinho de Campos.

"20 JOGOS INFANTIS" — Nicanor Miranda.

"É incontestável, na pedagogia moderna, a importância que se tem dado a esse magnífico instrumento de educação intelectual e social que é o jôgo infantil.

Nesse, livro, condensou o autor em linguagem amena e acesa, os resultados de pacientes pesquisas, investigações e trabalhos experimentais realizados durante dois anos nos Parques Infantis de São Paulo, tendo em vista principalmente: a) compor um manual prático de jogos para instrutoras e professores de Parque Infantil, daí a passagem pelo braço fraternal do romancista José Lins do Rêgo, ao longo da rua do Ouvidor, quando um colega do Rio, num encontro casual, perguntou-lhe que horas eram. Olívia pediu licença e penetrou sorrateiramente num pé de escada. Lins do Rêgo foi atraí e surpreendeu o autor do "Romance Brasileiro", consultando, com toda discrição, o seu rico "Patek-Philip" de ouro maciço. O romancista do "Círculo de Cama de Açúcar" não se conteve:

"Mas, seu Olívia, para que tanto segredo em consultar as horas?"

"Ah! meu caro, respondeu o crítico, numa cidade infestada de "gangsters" eu não perdia em ser prudente, Jóvius!" O romancista deu uma das suas espelhantes gargalhadas que fazem tremer as pedras das calçadas da rua do Ouvidor e saiu contando o caso por toda parte:

"Olívio é um sujeito previdoso! Imaginem que heriou um relógio de ouro tão pesado que já anda "inclinado" para a esquerda, mas não vai para a direita, não. Quando quer consultá-lo, é escondido num pé de escada.

Pela cípia, salvo melhor juiz, A. J.

Uma Por Mês

O CASO DO PATEK-PHILIP

A sugestão partiu do nosso colaborador, escritor Luís Delgado. E aqui estamos para contar uma anedota verídica em cada número de "NORDESTE". Daremos preferência aos casos autênticos acontecidos com os nossos intelectuais vivos. Feita esta referência, à guisa de explicação, vamos ao que, em linguagem de folhetim policial, tem o seguinte título:

"O caso do Patek-Philip"

No mês de julho último, o escritor Olívio Montenegro foi passar uns dias no Rio de Janeiro. Aconteceu que chegou numa semana em que a metrópole estava escandalizada e apavorada com os assaltos a luas de dia e nas ruas mais movimentadas da cidade. Os ladrões modernos fugiam das calçadas da noite e passavam a agir com uma nova técnica, isto é, com um misto de surpresa e de audácia, atacando os transeuntes desprevidos nas principais artérias da cidade. O crítico parabílio ficou alarmado, mas não disse nada. Tomou suas providências silenciosamente, sem alarde e sem comentários até que... Um dia

INÉDITOS

★ DE LÊDOIVO ★

A DÁDIVA DE JUNHO

No meio-dia, veio
a saudade do paraíso
em carne, velo e pedra
que uma mulher me deu.

Antes de se libertar
das nuvens, dos pássaros
foi corpo de moça nua
que uma mulher me deu.

Meu rosto ficou em êxtase
e ocasionalmente tranquilo.
Imobilizou-o o riso
que uma mulher me deu.

Perdi minha arte poética
na varanda d'este mês.
Orientou-me o olhar
que uma mulher me deu.

Sob céus azuis e brancos
a música me espatifou.
Morreria sem o socorro
que uma mulher me deu.

Degradado me senti
e o desamor me cobriu.
Faltava o mudo colóquio
que uma mulher me deu.

Verti, na lua fantástica,
a água do meu desespero.
Só me curaria o amor
que uma mulher me deu.

Fugi na manhã serena
— minha pena! — trovador sensacional.
Queria apenas as lágrimas
que uma mulher me deu.

Dancei sambas na Pavuna
encostei-me aos ofiseiros
certo da imortalidade
que uma mulher me deu.

Lutei contra a morte
e me despaisei
levando comigo as coisas
que uma mulher me deu.

Fui suficientemente cruel
e desprezei em silêncio.
Faltava-me o amor ao próximo
que uma mulher me deu.

Rasguei todos os sonetos
anteriores ao encontro
pois não tinham o rigor clássico
que uma mulher me deu.

Gravei seu nome tão claro
em todas as árvores do Brasil.
Inflamava-me o civismo
que uma mulher me deu.

Depois sai caminhando
em direção às estrelas.
E na terra ficava o céu
que uma mulher me deu.



O AMOR COM A PANTERA

Tuas astúcias na sombra: seios acolhidos
pelo esplendor de maio, que minhas mãos
[precipitam].
Te amo agora como jamais. É preciso que a
[noite] caia sobre esta cidade, e beba o vento, e deseje.

Minha oração no suor: porque teus dentes
não deixam marcas de silêncio em tudo o que nos
[terça].
Há festas em teus cabelos, e trabalhos em tuas
[pernas] e cânticos de primaveras em teus joelhos mortais.

Canto com os olhos abertos e a vertigem não me
[abate].
Céus azuis só em ti, ó pantera de canção e
[desmaio].
Piedade para mim que te amo na incerteza, e
[recupero] no momento do compromisso as ausências
[injustas].

Tempo antigo em meus braços: desfraldo velas
[ao Acaso]
e as horas de exceção te desfazem e te informam.
Soluça em peito, ó árvore, e sorri sem sentido
que sei valorizar o amor de teus gemidos.

Não temos necessidade da noite para que os
[humanos sentidos] se desgravem no amplexo imotivado. E os
[despojos] de nosso encontro amoroso sabem repelir o sono.
[São] os cânticos que entoam os famintos. São
[tristezas].

Teus olhos choram por mil anos. Venha a noite
da baía!
Após os grandes temores, o encontro é sempre
assim até que desabroches, nua, na alegria.

Te doto com as carícias que o fim da tarde explica.
Deitada, separas os naipes da imagem e do
[tempo], mas não te quero olhando as luzes da cidade.
Quero-te junto de mim, apoiada ao precário.

Não pensando nos rios, nem nas minas, nem no
florescer de tuas terras nativas.
Quero-te sem palavras e sem vestido, e rendida,
e selvagem, pantera estranha que se desfaz firmada em
[realidades].

MURILO MENDES

UM AUTÊNTICO PATRIMÔNIO DA LAVOURA BRASILEIRA

A Cooperativa Agrícola de Cotia, em São Paulo, realizou sua 19.ª assembleia geral ordinária, apreciando o movimento dos seus serviços do ano social de 1946-47, apresentado em relatório pelo dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida, diretor-presidente da organização, documento que não só orgulha o Estado de São Paulo como a todo o país. O comentário dos trabalhos da Cooperativa Agrícola de Cotia comprova com dados eloquentes, os imensos horizontes que o sistema cooperativista abriga, para o progresso agrícola e de produção, como também para a economia nacional. O relatório por si só, dispensa maiores deduções, bastando um resumo do mesmo para chegar-se às mais entusiastas conclusões e melhor aplaudir as virtudes do cooperativismo, quando honestamente administrado, sem preocupações de lucros extorsivos, a exemplo desta organização-padrão: a Cooperativa Agrícola de Cotia.

Segundo as declarações do dr. Ferraz de Almeida, no seu relatório, lemos inicialmente: "Quem, há vinte anos, poderia imaginar que a cooperativa, fundada pelos modestos 83 lavradores de Moinho Velho — ignorado recanto do município de Cotia — iria alcançar a grandeza de hoje? Jamais poderão ser esquecidas a tenacidade e a luta dos dirigentes que defenderam, de corpo e alma, a nascente organização, enfrentando a escassez de capitais, os erros resultantes da inexperiência, a hostilidade de determinados elementos concorrentes e a pressão externa — fruto da reação anti-cooperativista. Apesar de tudo a nossa Cooperativa prosperou e cresceu". "No último ano agrícola, em comparação com o anterior, registramos, de fato, um progresso notável para a organização, que se afasta de ser, na América Latina, a maior no gênero". Esta última afirmativa está credenciada pelos dados estatísticos dos negócios, que passamos a apreciar: Novos sócios, 456; capital social, acrescido do fundo de elevação respectivo, aumento de Cr\$ 7.266.287,90, para o to-

A Cooperativa Agrícola de Cotia, de São Paulo através do relatório do seu diretor-presidente, dr. Manoel C. Ferraz de Almeida - Alimentando São Paulo e o Distrito Federal - 4.000 associados - 1947 e o aumento de produção - O futuro da economia agrária. Cotia abre novas perspectivas ao trabalhador rural do grande Estado bandeirante

tal de Cr\$ 19.706.900,00; capital da organização elevado a Cr\$ 25.564.064,00; imóveis e instalação Cr\$ 38.885.185,60; movimento geral: vendas, Cr\$..... 154.524.198,40; compras, Cr\$..... 172.682.471,60; crédito, Cr\$..... 145.693.018,30; outros serviços, Cr\$..... 10.050.296,20; totalizando, temos a soma de Cr\$ 382.949.984,50, revelando um aumento geral surpreendente de 47% sobre o movimento do ano anterior, que foi de Cr\$ 260.440.159,30. O quadro social é de 4.000 associados, congregando 27 nacionalidades diferentes. Entre

1942 a 1945, a produção foi triplicada e quintuplicada, passando a organização a fornecer grandes quantidades de produtos essenciais à alimentação das populações de São Paulo e Distrito Federal, tornando-se alvo das atenções pública e governamental. A Cooperativa vende, somente, a produção dos seus associados, liquidando as contas pelos sistemas "pooling" e conta individual; no primeiro, incluem as vendas de batata, tomate, ovos, milho, óleo de hortelã, carvão vegetal, chá, morango, pêssego e banana, distribuídos em larga escala, com classificação estudada; no outro estão os produtos não classificados. Verifica-se mais que o movimento de vendas acusou 42,21% de aumento, apreciado nos totais: 1945-46, de Cr\$ 107.899.425,10; em 1946-47, Cr\$..... 154.524.198,40; aumento registado, Cr\$ 46.624.773,30. Vendas a varejo, Cr\$ 8.577.696,50, aumento de Cr\$..... 4.421.710,10, ou seja 106% sobre o ano anterior! O saldo de crédito foi de Cr\$ 42.998.994,90, verificando-se aumento de Cr\$ 14.198.349,50 sobre o anterior. Pondera o relator que: "graças à alta compreensão das autoridades nacionais, conseguimos desfazer quaisquer dúvidas porventura existentes em torno do empreendimento que, sem falsa modestia, reputamos um autêntico patrimônio da lavoura brasileira".

João Gonçalves de Souza

(Chefe do Serviço de Economia Rural da Prefeitura do Distrito Federal).

De um artigo do sr. João Gonçalves de Souza, um dos mais ilustres técnicos do Ministério da Agricultura, atualmente à disposição da Prefeitura do Distrito Federal, transcrevemos o seguinte trecho que é uma síntese notável das múltiplas atividades dessa modelar organização cooperativista:

"EIS EM RESUMO O QUE COTIA FEZ PELO SEU ASSOCIADO E PELA LAVOURA EM SÃO PAULO. Ser membro desta Cooperativa, disse-me seu atual presidente, vale tanto para o lavrador quanto para o cidadão, ser membro do Jockey Club Brasileiro. Quem, no inicio, subscreu pequeno capital, está hoje rico. Uma quota de Cr\$ 10,00 vale hoje Cr\$ 70.000,00. A proporção é fantástica. É preciso, porém, não esquecer que se a matéria humana em que se embasou a Cooperativa Agrícola de Cotia era boa, ótima sempre foi a sua direção. Não têm férias, nem horas para comer e para dormir os seus diretores. Ferraz de Al-

meida, seu presidente, no momento, é um caboclo desse bem brasileiros, o qual trabalha, sofre e sonha para Cotia. Com 35 anos apenas já lhe esbranquiçam os cabelos. Eu o vi trabalhando no Congresso das Cooperativas Paulistas. Brigando com o Governo a propósito da isenção de taxas e impostos para a gente de sua grande e incompreendida família cooperativista, tinha tempo para conosco discutir as bases da Conferência Rural Brasileira que se quer instalar no Rio, em março próximo. Ferraz é daqueles de quem muito podem esperar os lavradores desse país de ruralistas. E Cotia é exemplo e modelo para as cooperativas que desejam vencer, guardando fidelidade aos princípios do sistema salvador."

(Do artigo "Cotia no quadro do cooperativismo brasileiro", publicado na revista "Cooperativismo", órgão oficial da Caixa de Crédito Cooperativo", n.º 9 — março, 1947).

1942 a 1945, a produção foi triplicada e quintuplicada, passando a organização a fornecer grandes quantidades de produtos essenciais à alimentação das populações de São Paulo e Distrito Federal, tornando-se alvo das atenções pública e governamental. A Cooperativa vende, somente, a produção dos seus associados, liquidando as contas pelos sistemas "pooling" e conta individual; no primeiro, incluem as vendas de batata, tomate, ovos, milho, óleo de hortelã, carvão vegetal, chá, morango, pêssego e banana, distribuídos em larga escala, com classificação estudada; no outro estão os produtos não classificados. Verifica-se mais que o movimento de vendas acusou 42,21% de aumento, apreciado nos totais: 1945-46, de Cr\$ 107.899.425,10; em 1946-47, Cr\$..... 154.524.198,40; aumento registado, Cr\$ 46.624.773,30. Vendas a varejo, Cr\$ 8.577.696,50, aumento de Cr\$..... 4.421.710,10, ou seja 106% sobre o ano anterior! O saldo de crédito foi de Cr\$ 42.998.994,90, verificando-se aumento de Cr\$ 14.198.349,50 sobre o anterior. Pondera o relator que: "graças à alta compreensão das autoridades nacionais, conseguimos desfazer quaisquer dúvidas porventura existentes em torno do empreendimento que, sem falsa modestia, reputamos um autêntico patrimônio da lavoura brasileira".

1942 a 1945, a produção foi triplicada e quintuplicada, passando a organização a fornecer grandes quantidades de produtos essenciais à alimentação das populações de São Paulo e Distrito Federal, tornando-se alvo das atenções pública e governamental. A Cooperativa vende, somente, a produção dos seus associados, liquidando as contas pelos sistemas "pooling" e conta individual; no primeiro, incluem as vendas de batata, tomate, ovos, milho, óleo de hortelã, carvão vegetal, chá, morango, pêssego e banana, distribuídos em larga escala, com classificação estudada; no outro estão os produtos não classificados. Verifica-se mais que o movimento de vendas acusou 42,21% de aumento, apreciado nos totais: 1945-46, de Cr\$ 107.899.425,10; em 1946-47, Cr\$..... 154.524.198,40; aumento registado, Cr\$ 46.624.773,30. Vendas a varejo, Cr\$ 8.577.696,50, aumento de Cr\$..... 4.421.710,10, ou seja 106% sobre o ano anterior! O saldo de crédito foi de Cr\$ 42.998.994,90, verificando-se aumento de Cr\$ 14.198.349,50 sobre o anterior. Pondera o relator que: "graças à alta compreensão das autoridades nacionais, conseguimos desfazer quaisquer dúvidas porventura existentes em torno do empreendimento que, sem falsa modestia, reputamos um autêntico patrimônio da lavoura brasileira".

«COTIA É UM MILAGRE DE ORGANIZAÇÃO E DE TRABALHO»

O último monólogo de Mané Fulô

Conto do FRANCISCO JULIÃO

— "Chico Birô, até logo. Até logo, minha gente. Nossa Senhor Jesus Cristo tenha vocês lá no céu. Vou m'embora, vou m'embora. Tenho que ir pra Ribeira. O pôco fica distante e a raposa anda depressa. Mode que a barra do dia já quer queitar, minha gente!..."

Pelo caminho Mané Fulô ia aos tombos, cai daqui, cai daí, dando adeus a todo o mundo, abraçando os pés de pôco pensando que era gente. Por cima dele, caladas, sem se mexerem, as cajazeiras cheiravam um cheiro aíto, danado. E a lua, a pino, no céu, lúa fria, lúa branca, metia lú pelas brechas das cajazeiras cheirosas, fazendo "salassombrados" nas folhas das bananeiras.

— "Alma penada, alma penada. Nossa Senhor Jesus Cristo acabe com as tuas penas. Se tens vida, vem comigo, que sei onde há cama e de bôa. Ou então sai do caminho, sai da frente, não me assombres".

As folhas das bananeiras quase não se moviam. As resetas da lúa fria faziam fantasmagorias de tódia espécie, com cabeça e sem cabeça, uns bem alvos, outros longos, querendo andar para frente, ou subindo e descondo devagar. Quando o canavial espesso e lustroso se agitava de leve, muito de leve, parecia que uma mão tinha jogado um punhado de areia, de areia bem fina. O caminho era deserto. As cajazeiras e normas.

Mané Fulô não tinha de que ter medo. A sua foicinha de mão, amolada como os trintas, cortava mais que navalha. Cortava o vento, se o vento bancasse bêsta. Mané Fulô gargalhava, sentia o corpo tremendo, dava gritos e ovia o eco distante, o cabelo arrepiava. Mas quem podia com ele?

— "Arreda do meu caminho, bacurau! empeitacado. Dói-te um tiro com essa foice. Como-le crô com cachaça. Passarinho sem vergonha".

E o bacurau, leve, macio, cheio de pena, choroso, voava pelo caminho, na frente de Mané Fulô, sempre na frente.

"Tirolau, tirolau, tirolau..."

Mané Fulô parava (ou julgava estar parado), tinha vontade de saltar como um gato de emboscada em cima do bacurau, de agarra-lo, de comê-lo com pena e tudo. Apontava com a foice como se fosse a coiô, dava um estalo com a língua. E quebrava escatô. Ele mesmo achava graça. Tornava a apontar a foice, dormiu na pontaria (ou pensava estar dormindo) e dessa vez, um estampido partiu da sua boca. O bacurau se espantava, voava mais longe, mas sempre no seu caminho. Depois meteu-se por dentro do canavial.

"Tirolau, tirolau, tirolau..."

— "Dama-te, diabo. O capeta te cozinha com tuas penas rajadas, sumbi de maracaja".

Tinha de chegar no pôco

antes que a raposa chegasse e molhasse o rabo nagua.

— "Tenho de chegar, mês-mesmô assim, bêbo de geito que estou. Nossa Senhor Jesus Cristo me faça o passo mais leve. Deixei meu cavalo em casa. A barra já vem quebrando. Mode que a barra do dia já quer queitar, minha gente!..."

E o passo de Mané Fulô era de chumbo.

— Ninguém corre mais do que eu. Nem raposa nem viajado. Pra que cavalo, Fulô? Se eu sempre cheguei em tempo. A Ribeira não é longe".

Agora era um porquinho alvo como algodão que começou a rondar os pés de Mané Fulô. Um porquinho baô, gordo, felpudo, que não guinchava, que só fazia roncar os pés de Mané Fulô.

— "Arreda, arreda, bichinho. Como-te crô com cachaça. Minha foice corta o ven-

ram-se. E quando vieram outra vez enfiaram-se nas pernas de Mané Fulô, subiram de caixa acima, cascaivaram-lhe os bolsos, puxaram o pantalô e tomaram-lhe o chapéu. Caiu-lhe a foice da mão. O suor molhou-lhe a fronte. Quis correr mas cadê perdi?

— "Credo em cruz! Nossa Senhor me proteja desses malditos".

E os porquinhos se foram. Mané Fulô ficou parado sem saber onde cair a sua foice da mão. Procurou por todo o canto e depois foi que lembrou-se que a foice ficara em casa.

— "Mas que dioga, não truve o ferro comigo. E o chapéu também não truve. Eu já sei. Não foi a cama, não. E' a mardita raposa que quer me passar a perna. Mas não passa, não, eu mostro".

A lua no céu boiava, cor-

que é amô. Quem me dera, quem me dera que cama fosse muê. Quá, quá, quá!"

Mané Fulô gargalhou, sentiu as folhas tremerem. Se não fosse um pé de vento, o que seria então que era? Para espantar o sobroço chegou a cantar de novo:

"Me deitei lá na calçada
Me esqueci do cobertor
Balancaram um pé de lima
Me cobriram de fulô".

Mas o mês veio vindo, veio vindo não sei como, se estirando pela estrada onde o huar espalhava suas moedas de prata, cresceu como cipó-de-fogo, engrossou que nem gibaô e aninhou-se todinho dentro de Mané Fulô.

— "Meu S. João, dai-me coragem, que a lua quer me enganar. A raposa virou lua e anda a meter o rabo em todo o pôco que chega, mas no pôco da Ribeira eu juro que ela não mete antes que Mané Fulô tenha ali Água nos peitos".

Ainda teve coragem de cantar outra trovinha:

"Tava na margem do rio
Quando meu bem embarcou
Foram os olhos mais
(Início)
Que a onda do mar levou".

Deante dele se achava o negro Chico Polô.

— "Quem vem de lá? E' gente ou alma penada?"

— "Chico Polô, Seu Fulô!"

— "Que anda você fazendo?"

— "Inhôr não. Passei bem perto. Vou lá pro Chico Birô"

— "De lá vim eu indagaria..."

— "Pois é, antence, boneirô..."

Sumiu-se Chico Polô, Mané Fulô tremeu todo como vará de bambô.

— "Óxente. Cadê o negro? Chico Polô! O Chico Polô! Vai-te alma de bacurau..."

Já era tempo. Em sô frenete, rajadinho, leve, em vôos curtos, o bacurau veio de novo, mas levou logo sumiço com o grito de Fulô. Abrunse o canavial. A cama estalou lá dentro.

— "Por aqui anda guará... Ou é gente de tocaia. Se é alma penada, caminha, vambora que tu eri as pena, dou-te um banho de aguardente, mando purgar teus pecados..."

A Ribeira estava perto. Ali ficava o lagôedo como uma mina de prata que ficasava ao luar. Dava gosto se andar por cima daquelas pedras atras de um preo mocô. A cachoeira primeiro. Mais em baixo era o pôco guardado por ingazeiras, sombrio, silencioso como uma igreja sem gente. Mané Fulô ainda teve a tentação de subir e descansar no lagôedo, mas viu que perdia a hora. As barras vinham quebrando. Ou era a luna enganando?

— "Vambora, Mané Fulô. Se a comadre inda não veio já deve andar por perto. Se râ que perdi a hora?"

Um regongo fez tremer o pôco Mané Fulô da cabeça aos pés. Era ela, era a danica. A zurda não durmira. Mané Fulô foi correr, deu um

couro de alguém caido aqui perto. Perde o teu tempo, capeta. Como-te crô com casacha".

Tirou a quicê da cinta, desapertou a imbra, segurou no cós a calça, deu outro tombo pra frente, puxou por cima a camisa, fez força, bufor, gingou, e a camisa enredou-se no pescoco de Fulô. Então uma "eousa" empurrou e Fulô tibungou nágua como um tâco de barreira, foi em cima, foi em baixo, procurou terra nos pés, e a terra — Adeus, seu Fulô! — . . . A cebega lhe zumbia, tal e qual um ariu. Por cima dágua ele viu os três porquinhos andando e viu bem o bacurau esparramar-se com as asas por cima dele, sem molhar, sem afundar. Quis gritar:

— "Chico Birô, me acode! Chico Polô, peste, vem cá".

Mas bebeu um goipão dágua... Juntou-se as caporas tódias bem no pô de ribanceira e assobiaram sem pena, mangando de seu Fulô. Era um côro de cigarras que um raio da lúa acordou.

A madrugada veio vindo, de mansinho, de mansinho, no bico dos sabiás. O olho do sol vê tudo e viu "seu" Mané Fulô emborcado dentro dágua...

Era um sapo cururú...

(Do livro de contos "Casacha")



to. Quem te mandou perseguir Mané Fulô no caminho?"

O porquinho não grunhia, não dava uma palavra ao menos. Seguiu Mané Fulô, ali bem pertinho dele, só alcançando de sua foice, metendo-se pelas suas pernas, puxando pelas suas calças, pulando, ligando, pró um lado e pró outro.

— "Toma foice, calaninha. Toma foice no fochim".

Mané Fulô começou a vibrar sua foicinha a torto e a direito. Não conseguia acertar. E quando menos pensou, apareceram, de repente, mais dois porquinhos iguais. Todos três passaram em fila a andar deante dele. Depois sumiam-se da vista e desapareciam atrás de Mané Fulô. E antes que ele tivesse tempo de dar-lhe uma foicada certeira os três bichinhos sumi-

ria, se embargavam nos fininhos de nuvens. Derramava, sem ter pena, prata e mais prata por cima do canavial, por cima do mundo inteiro.

Quando surgiu outra vez no canavial de Mané Fulô na cajazeira cheirosa, ele ficava por traz das folhas miudas, de quando em vez espando o pôco de Mané Fulô cá em baixo, que corria, um pé no aciero, outro outro. Agora Mané Fulô cantava sem descobrir que a sua voz era a de um velho cururu que perde a conta do tempo e canta pelo verão:

"O fogo quando se apaga
Na cima fica o calor
O amô quando se acaba
No coração deixa a dor".

— "Quem me dera, quem me dera que eu soubesse o



ILUSÕES EM SEQUÊNCIA

— O olho humano, ao contemplar o desenvolvimento de uma película cinematográfica, a razão de 40 figuras por segundo, conserva a impressão de cada uma destas, o tempo suficiente para que o cérebro estabeleça a ligação com a figura seguinte, dando a ilusão de figuras animadas.

— Ilusão maior, ainda, têm aqueles que julgam desobstruídas as dificuldades ante-postas à produção comercial. Meu caso, neste particular, é típico, e o único jeito é esperar na fila as encomendas semelhantes às de numerosas companhias congêneres, espalhadas pelos quatro cantos do mundo — diz "Seu" Kilowatt, criado elétrico.



Condecorado Pelo Governo Sueco, o Industrial ARTHUR LUNDGREN

O Governo da Suécia acaba de condecorar o industrial pernambucano Arthur Lundgren, agraciando-o com a Grã-Cruz da Ordem dos Cavaleiros da Wasa, da Casa Real sueca.

Nome ligado ao progresso nacional pelo fôrça poderosa de sua moderna organização fabril disseminada em Paulista, neste Estado, e em Rio Tinto, na Parahyba, o snr. Arthur Lundgren não se deixava empoigar em suas atividades industriais, preocupando-se sempre, durante a última guerra, com a situação da Pátria de seus pais. Filho de sueco, do saudoso industrial Hermann Lundgren que por muitos anos foi consul daquele país, neste Estado, em cujas funções prestou relevantes serviços aos seus patrícios, o snr. Arthur Lundgren, como bom amigo da Suécia, mantinha uma tradição de família. Assim, quando a Suécia sofria, como um país neutro situado numa das mais terríveis zonas de batalha, com a sua população pacífica atingida por bombardeios frequentes de esquadrias aéreas desconhecidas, por intermédio da Cruz Vermelha, valiosas doações daquele industrial foram mitigar sofrimentos de cidadãos que vivem o trágico drama que se abateu por quatro anos sobre a velha Europa.

Dai o sentido oficial dessa condecoração que exprime o reconhecimento daquela nação nórdica a um dos seus descendentes que não apenas fala, pela sua projeção no mundo econômico brasileiro, do valor de uma raça ou da vocação de um homem de negócio, mas sobretudo de um cidadão que cultiva com dedicação e espírito de humanidade os estreitos laços que unem a memória de seu venerando pai à sua pátria.

Sua Magestade o Rei da Suécia foi o intérprete da gratidão de seu povo, condecorando o industrial Arthur Lundgren com a Grã-Cruz da Ordem dos Cavaleiros da Wasa, gesto que teve a mais larga repercussão neste Estado, bem expressa nas inúmeras mensagens de felicitações, de figuras das mais ilustre



das nossas classes, que vem recebendo aquél distinguido pernambucano, entre as quais se destacam membros do exército, da marinha e da aviação, da indústria e do comércio e das nossas profissões liberais.

Servindo ao Brasil através de uma das mais ativas e eficientes atividades em seu imenso setor econômico, como chefe de uma organização industrial que mantém mi-

lhares de braços humildes do operariado brasileiro em fecundos trabalhos de construção para o presente e para o futuro, o industrial Arthur Lundgren se integra naquele conceito de Wendel Wilke de que "o mundo é um só", voltando o seu espírito e o seu coração para os suecos, justamente quando a adversidade lhes batia a porta, numa sucessão incrível de trajédias. Sem ambições, sem vaidades, fazendo as suas contribuições chegar aos suecos pelo caminho anônimo da Cruz Vermelha, objetivava esse ilustre pernambucano ser útil à pátria de seus pais da mesma forma e com a mesma fôrça como estava sendo útil à sua própria pátria. Era o homem que se voltava para as origens de seu destino com a mesma inquietação de servir, com a mesma emoção de ser útil, com a mesma sinceridade de ser amigo leal e devotado de um povo a que se acha ligado por laços de sangue, de tradição e de exemplos.

Vivendo um mundo agitado de preocupações, de trabalho e de canseiras, o industrial Arthur Lundgren não se deixa ficar marginal ao sofrimento de seus semelhantes e muito menos dos patrícios de seu velho pai, quando eram assaltados pelos horrores da guerra aérea, cega e sanguinária.

Assim, a comenda que agora lhe é conferida pelo Governo Sueco não é fruto de um gesto protocolar, nem se limita nas medidas sem significação de gentilezas diplomáticas. Reveste-se de algo mais forte e mais significativo. Assenta-se em serviços reais, desinteressados, prestados voluntariamente por um pernambucano que faz questão de manter com a Suécia aqueles traços singulares de união que fizeram do saudoso industrial Hermann Lundgren um sueco pernambucanizado, de coração e de espírito.

Condecorações como a que acaba de receber o snr. Arthur Lundgren falam bem do homenageante e do homenageado, pela sua expressão na forma e no conteúdo, sendo um digno do outro, numa esplêndida reciprocidade.

PARA SERVIR AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA DO BRASIL

Modelar instituição bancária, o Banco do Distrito Federal S. A., um dos grandes estabelecimentos de crédito do Brasil, com Sucursais, Agências e Correspondentes em todas as principais prazas do país, proporciona às forças produtoras nacionais completa e eficiente assistência bancária, prestando ao Comércio e à Indústria uma valiosa cooperação ao seu desenvolvimento.

Banco do DISTRITO FEDERAL S. A.

RUA DA ASSEMBLEIA, 72-74

*

Sucursais, Agências e Escritórios nas principais cidades do Brasil



Nova sede do Banco do Distrito Federal S. A. Rua da Assembleia, 72-74 - Rio de Janeiro

OS CENÁRIOS DE CHAPLIN

A POSIÇÃO de Chaplin na história do cinema reveste-se de uma importância que nenhum pintor ou escultor tem alcançado em seu gênero. Ele delineou uma forma de arte e dentro dela se manteve, até "Luces da Cidade", como o seu inexcedível realizador. Seria adulterar a natureza do grande cinema, se se tentasse a distinção entre essa arte e o espírito de Chaplin, de tal modo eram íntimas as relações entre a forma cinematográfica e a atitude de Carlitos em sua fuga permanente.

Para um tema propício a várias especulações, Chaplin moldou um aspecto tão vinculadamente cinematográfico, a ponto de se indagar se, sob outra aparência, não iria fracassar esse motivo de superior hilariedade. Chaplin poderia ter composto cenários de tal assunto, orientando-se pelo jôgo psicológico das circunstâncias e, no entanto, o fez conduzindo a fuga como um *lit-motiv* consubstancial em mimica.

Dessa maneira de expôr, inferiam-se a singularidade dos cenários e o consequente estilo de seus filmes. De quantas obras se produziram por meio da câmera, a de Chaplin impressionava, à primeira vista, pela simplicidade de suas cenas, esquecer as suas tocantes variações. Ao espectador menos avisado, os filmes de Chaplin tinham a aparência de algo improvisado, mesmo de deficiente, em técnica. Realmente, em nenhum de seus instantes, a câmera

exercitou os movimentos acrobáticos que em "A Paixão de Joana D'Arc" ou em "Varieté" foram usados com maestria e que tanto entusiasmaram aos que possuíam do cinema uma concepção apenas fotográfica. Em Chaplin, a câmera, captava as cenas sem deslocar-se de seu plano costumeiro de visão.

O motivo dessa sobriedade técnica em cenários como os de "O Garoto", "O Circo", e "Em Busca de Ouro", está no fato de as situações em ato dispensarem exuberância visual de apreconcretizada, consistia em intercalar entre o *fade-in* e o *fade-out*, a pantomima da fuga, sem Ao contrário dos cineastas que buscavam o desfecho, fazendo de cada sequência a oportunidade de introduzir outra sequência, a diretiva de Chaplin, tantas vezes sentença, dado que elas são bastante visíveis nos quadros habituais da objetiva. O modo mais simples de aparecer coincidia com a unidade das próprias situações em ato.

O processo chapliniano de mostrar o mínimo escondendo o máximo, que, em outras palavras não é mais que o próprio subentendimento, ajustando-se ao seu *leit-motiv*, vinha mostrar a inutilidade da ginástica adotada com ou sem oportunidade, no ci-

nema visualizador de motivos literários. A sua compreensão das possibilidades do subentendimento era tão forte que na obra "Casamento ou Luxo", da qual o tema da fuga não participava, foi ele usado, como a indicar aos seus continua-

dores que nisso consistia o verdadeiro caminho do cinema, em qualquer de seus gêneros, inclusive no documentário.

O estilo da continuidade, por ser uma decorrência de sua maneira de compôr, revelava a



Carlitos

EM CHAPLIN, o "leit-motiv" da fuga, expressando-se através de situações em ato, não impunha exclusividade de ambiente, tanto valendo, para cercar a vivência de Carlitos, a neve dos montes como o casario das cidades. Sendo esse "leit-motiv" adequado a qualquer latitude, o ser fugitivo que era feito de delicadeza hostilizável, assumia o aspecto de um eterno universal, sofrido onde quer que se encontrasse e, o que é curioso, se articulava de tal maneira à terra onde se detinha, como se fôr organicamente íntimo de todas as coisas que passavam com ele. Mas, o que era ainda mais curioso, essa intimidade (e não será a única explicação para a sua uniformidade de conduta relativamente aos diversos locais?) derivava de sua própria posição de inadaptação. Por não ser de nenhuma parte, Carlitos vivia em todas elas. Arraigava-se ao ambiente com o intuito de permanecer e, quando sobrevinha a fuga, essa intimidade com as coisas tornava possível a variedade dos subterrâneos. Quando o personagem escapava da terra, a câmera impregnava-lhe a pessoa de inferências locais, de modo que a fuga se revestia, assim, de peripécias incontáveis.

Uma das preocupações mais vivas de Chaplin era o emprêgo irredutível da lei do local, aquela que determina, para exteriorização do assunto, — aparecendo nele em forma de situações em ato e não de história — que tudo há de ser dito com as imagens disponíveis do ambiente. Para isso, o local oferecia, sem adulterações de sua lógica facial,

as filmagens necessárias, como se as conjunturas imagens fossem naturais ao ambiente à semelhança de suas árvores. A objetiva de Chaplin era estritamente regional para cada filme; não buscava, para se fazer compreendida, complementações exteriores, certo de que se perdia a câmera que muito se deslocava.

Há um mínimo de mobilidade que preenche todas as exigências. Há, mesmo, certas imobilidades que fecundam a imagem, inoculando-lhe absorvente poder de contágio sobre outras imagens, e, assim, de sua presença poder-se dizer que é visualmente criadora. A circunstância de uso de ângulos e de planos no cinema provir de David W. Griffith, visualizador de enredos literários, e não de Chaplin, visualizador de situações em ato, traz modos diversos de abordar a imagem: um que procurava captá-la em função de fatores estranhos, e o outro que insistia em expôr, da só imagem, a sua essência visualizável. Isolada e imóvel, pode a imagem encerrar graus de subentendimentos, expor ausências configuradas, transmutar as aparições como, por exemplo, nas ocasiões em que, imitando certos corpos químicos, outras imagens adquirem nova significação à vista daquela que, imóvel, oferece, nesse ato de catálogo, apenas a sua presença. A imobilidade da imagem alegórica é que se afugir estéril, dado que a sua interferência sobre as outras é nula e o seu sentido de presença depende de sua própria designação. E se, pelo requinte de um cenarista voltado para a escultura, aparecer essa face alegórica, além de destoar

do caráter fecundante transitório que toda imagem deve possuir, ela ver-se-á diluída na sucessão das cenas.

A idéia da fuga, que sugeria tanta possibilidade de representação metafórica e simbólica, era transposta em imagens sem as articulações de faces e de planos adotadas por um Poudovkine, ou por um Griffith. A face real e a sua disponibilidade para o subentendimento, constituiam a base do cinema de Chaplin. Certo de que as imagens, como as vê o olho humano, bastavam, em seus planos sucessivos, para exhibir o sentido das situações, Chaplin evitava, no tocante ao ritmo e à sinônima, a abundância de faces, sendo a esse respeito de uma parcimônia que, nos menos avisados, parecia indigência.

Ao expressar a idéia da fuga e qualquer de suas decorrências, (em cada sequência de Chaplin havia um mundo de derivações, de colaterais do mais fino humor) utilizava a imagem até o instante em que a sentia cinematograficamente esgotada, ao contrário daqueles visualizadores da literatura que se esmeravam por iniciar a idéia com a v/a imagem e terminá-la com outra imagem, quando uma apenas seria suficiente para levar o sentido à mente do espectador. Embora obedecendo à lei do local, essa mecânica do símbolo significava, como nas obras de David W. Griffith, uma espécie de buria à norma criada, à maneira de clássico e irrevogável princípio, em proveito da própria estrutura específica do cinema. Deferir a câmera equivalia a uma disciplina substancial à própria imagem. Longe de tentar as incursões de um

suum uma feição peculiar, sobriedade, e assilar, inconfundível, consequentemente, com qualquer tratamento do cinema linguagem. O tratamento — essa expansão da imagem no espectador — advém do próprio Chaplin; pairando sobre situações em ato, o seu estilo aproximava-se daquele que o olho humano, em estado receptivo, pode assimilar nos flagrantes cotidianos.

Com os recursos do subentendimento, e certo de que a plástica reside no aproveitamento expressional da ausência, os cenários de Chaplin mostravam, de seu personagem, os momentos em que este corporificava o motivo da fuga. Configurando-se em ato, esse tema se processava em cenas ou em sequências de variada intensidade. A técnica de cenário, no que toca à continuidade, diferia, assim, da maneira de expôr comum no cinema linguagem. Se se for buscar, na literatura, uma obra que, pelo arranjo dos capítulos, lembre a sucessão de sequências em Chaplin, nenhuma outra o faria como o "Don Quixote". Em cada um deles está, implícito, o caráter da figura central, não sendo necessário ler todo o livro para se aperceber dos componentes filosóficos de "Don Quixote". De maneira semelhante, cada sequência de Chaplin, quando não uma simples toma da cena, era o bastante para se vislumbrar a conduta de Carlitos perante o mundo: de fuga, a um tempo, cautelosa e hostilizada.

Mas o que faz de "Don Quixote" um personagem literário é a facultade de conjecturas. O monólogo significa mais que um suplemento de pessoa; é substancial ao ser dessa personagem. Em Carlitos havia uma pura exteriorização de gestos. Convergiam para ele, todas as coisas, completando, assim, a unidade e o sentido da ação. Como uma atmosfera indispensável ao ato de fuga, os objetos, os homens que o cercavam, apareciam em função de Carlitos. Ele se movia e todas as coisas iam no seu cortejo. Os policiais que o aterrorizavam eram gigantes mal humorados, para que mais se evidenciasse a humildade de própria; as mulheres, muito belas, a fim de que interferisse o seu espírito de renúncia.

As peripécias que envolvem o ato de fuga, por sua vez contagiadas pela sobriedade visual de quem recusava permanecer, requeriam da câmera unicamente a perspectiva normal e conforme ao princípio de que, como presença criadora, mais vale um fragmento da paisagem que a paisagem inteira; e tanto mais viva a situação de fuga quanto mais subentendidos foram os métodos que a configuravam.

Havia, desse modo, uma tal equivalência entre o ato de fuga e a face que era sempre uma antecipação ao subentendimento: existia uma articulação tão intrínseca entre a imagem e o pensamento de Chaplin, que se impõe, por mais de uma vez, a idéia de o personagem Carlitos ser irrerealizável sob forma diversa.

Poudovkine, sem transferir a câmera de seu campo de filmagem, David W. Griffith aplicava, de algum modo, a lei do local, porém fazia contrariando uma lei menos geral mas inclusa naquela: a lei da imagem, segundo a qual uma face, somente por sua inopportunidade, deve ser posta ao lado, proporcionando à outra uma posição no tempo.

Se a figura de um homem no leito, e das as cenas anteriores, conduzia ao espectador a idéia de morte imediata, somente o gôsto corriqueiro a interromperia, substituindo-a por uma chama que se apaga. Muitos símbolos desse gênero desvirtuavam o cinema linguagem mas nenhum deles, quando repleto de força evocativa, conseguiu notabilizar os seus realizadores. A obra mais completa do cinema, narrativa literária, não foi "Tempestade sobre a Ásia, de Poudovkine, nem "Napoleão", de Abel Gance; foi "A Turba", de King Vidor, onde a objetiva procedeu como um olho humano extremamente penetrante, contando as passagens do cotidiano conforme o local as apresentava.

Condicionada aos limites do ambiente, a câmera de Chaplin adotava para grandes pensamentos as imagens do cotidiano — um cotidiano peculiar e filosófico —, elevando-as, quase sempre, ao mais alto grau de oportunidade, como se todas ofertassem uma disponibilidade infinita. Elas tendiam a Carlitos como se ele, onde estivesse, modificasse, ao molde de sua vivência, todos os componentes do *background*. As figuras humanas e os objetos que ladeavam esse personagem, compunham, para maior sentido e unidade da fuga, peripécias de qualidade eminentemente cômica. A presença de Carlitos transfigurava as coisas que, em seguida, desbarriam sobre ele.

A LEI DO LOCAL

A Infância de Eça de Queiroz

(Continuação da pág. 5)

das dos que então pontificavam, começou a empurrar para um plano secundário as noções morais que havia adquirido na infância. Inconscientemente, suspeitou que, aderindo às idéias dominantes, encontraria um caminho seguro para a libertação de seus recalcados. Foi, aos poucos, vencendo a timidez que o tinha dentro em breve entrou a tomar parte ativa nos acalorados debates em que se discutia a existência de Deus e se gritava contra a burguesia. A sociedade portuguesa era posta abaixo impiedosamente. Referiu Antônio Cabral que "a companhia dos bota-abixa, de que Eça de Queiroz era a principal figura, nunca teve propósitos de reconstruir; tratou somente de bota-abixa". Pensou apenas em destruir, em demolição, em derrubar, sem expôr uma só idéia de concreto, um só alívio de recordação, uma só medida de restauração ou de emenda". Com efeito, o impulso que o conduziu a filiar-se à curiosa "companhia", foi o mesmo que o levou a associar-se, mais tarde, a Ramalho Ortigão, para a campanha memorável das "Farpas"; destruir todas as noções ditas respeitáveis, todos os obstáculos que pudessem impedir a satisfação subconsciente dos seus impulsos reprimidos. Tanto foi assim que Ramalho, causado de demolição, ressouve finalmente encetar a reconstrução do mundo português, mas Eça, diante de tal resolução, que violentamente se chocava com os seus desígnios inconscientes, retraiu-se e negou-se a apoiar o amigo, como confessou num artigo publicado na *Renascença*: "As Farpas, segundo as declarações do editor, tinha douz mil assinantes; isto representava de cinco a seis mil leitores; se, proponha ele (Ramalho), aproveitando um tal auditório, nós lhe ensinássemos alguns princípios? Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um dilettante de coxim. Converter a alegre catapuzinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para a Havana".

Foi também essa necessidade de destruir a censura, aliada às condições de sua origem, que deram ao seu espírito a feição irônica que tão superiormente o caracterizou. Considerava o riso a mais terrível arma de que um homem pode fazer uso. Escreveu algumas que, se passarmos uma gargalhada, repetidas vezes por uma instituição, a instituição desmorona-se. E fez largo uso do ridículo para chegar ao seu fim.

Nas "Prosa Bárbaras", que Guerra Junqueiro chamou a "epilepsia do talento", não há, propriamente, verdadeira manifestação artística. Todos aqueles folhetins, que provocaram galhofas pela incrível quantidade de abutres que sobre elas esvoacam, pertencem, como dissemos, à categoria das obras imitativas. O romancista ainda não alcançou a capacidade de criar, limita-se a repetir pensamentos alheios, embora marcados pela sua maneira pessoal, pelo seu estilo que se forma, facultando, talvez, a previsão do grande escritor que viria a ser.

Leia nêste
número de

NORDESTE

as bases do
sensacional
concurso
de romances

CAIXA DE CRÉDITO COOPERATIVO

TAXAS MÓDICAS — DE-NOS PREFERÊNCIA



- DESCONTOS E EMPRÉSTIMOS A COOPERATIVAS
- CUSTODIA DE TÍTULOS E VALORES
- COBRANÇAS
- TRANSFERÊNCIA DE FUNDOS
- DEPÓSITOS PARA CAUÇÃO



A CCC é uma instituição bancária especializada no financiamento às cooperativas, visando especialmente a produção de gêneros alimentícios. * Todos recursos disponíveis encaminharemos a essas organizações. Todos devem dar-nos preferência, sobretudo as populações das cidades, que vivem angustiadas com as dificuldades de abastecimento.

TAXAS PARA DEPÓSITOS com garantia do Governo Federal

| | |
|--|------------|
| C/C DE MOVIMENTO, SEM LIMITE | 4% a. n. |
| DEPÓSITOS POPULARES ATÉ CR\$ 50.000,00 | 5% a. n. |
| A PRAZO FIXO | 5,5% a. n. |
| 6 mese | 6% a. n. |
| 12 meses | 6,5% a. n. |
| EM CAUÇAO S/CONTRATOS | 4% |

*

MATRIZ: — RUA DO MEXICO, 128-B — RIO DE JANEIRO
AGENCIAS: — RUA 7 DE ABRIL, 173 — SÃO PAULO
RUA 7 DE SETEMBRO, 1100 — PORTO ALEGRE

THE GREAT WESTERN OF RAILWAY COMPANY LIMITED

SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dôbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão distinguidas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

*

TOMAR O TREM EM MOVIMENTO É PERIGOSO

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 13 de maio de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

A Igreja e o Corporativismo

(Continuação da pág. 8)

- (1) — "Periodica", revista da Pont. Universidade Gregoriana, de Roma, que continua transcrever os Documentos Pontificios, 1943, pg. 70.
- (2) — "Rerum Novarum", edição latina da Pont. Univ. Gregoriana, Roma 1937, n.º 15. Todas as citações da "Rerum Novarum" e da "Quadragesimo Anno" serão feitas segundo esta edição.
- (3) — Ed. cit., n.º 82.
- (4) — Ed. cit., n.º 89.
- (5) — Periódica, 1946, pg. 84.
- (6) — Editora Mirante, sem data, pg. 78.
- (7) — Apud R. P. Delaye, "Per Conoscere il Comunismo", trad. ital., Roma, 1937, pg. 80.
- (8) — Transcrita na "Revista Eclesiástica Brasileira", Petrópolis, vol. VII, 1947, pg. 182.
- (9) — Ed. cit., n.º 38; cf. n.º 23.
- (10) — Periódica, 1940, pg. 101.
- (11) — Ed. cit., n.º 88.
- (12) — Ed. cit., n.º 41.
- (13) — Periódica, 1941, pg. 229.
- (14) — Periódica, 1941, pg. 236.
- (15) — Periódica, 1946, pg. 84.
- (16) — Periódica, 1940, pg. 56 e 58.
- (17) — Ed. cit., n.º 42.
- (18) — Periódica, 1940, pg. 101.
- (19) — Periódica, 1941, pg. 231.
- (20) — Apud "La Carta del Sindicalismo cristiano", Instituto Pio XI, Paris, trad. esp., Buenos Aires, 1930, pgs. 145-154.

(22) — Art. 140 — "A economia da Produção será organizada em corporações, e estas, como entidades representativas das forças do trabalho nacional, colocadas sob a assistência e a produção do Estado, são órgãos deste e exercem funções delegadas de poder público."

(23) — Art. 138 — "A associação profissional ou sindical é livre. Sómente, porém, o sindicato regularmente reconhecido pelo Estado tem o direito de representação legal dos que participam da categoria de produção para que foi constituído, e de defender-lhe os direitos perante o Estado e as outras associações profissionais, estipular contratos coletivos de trabalho obrigatórios para todos os seus associados, impor-lhes contribuições e exercer em relação a elas funções delegadas de poder público". — O N.º III "Carta del Lavoro": — "L'organizzazione sindacale o professionale è libera. Ma solo il sindacato legalmente riconosciuto e sottoposto al controllo dello Stato, ha il diritto di rappresentare legalmente tutta la categoria di datori di lavoro o di lavoratori, per cui è constituito: di tutelarne, di fronte allo Stato e alle altre associazioni professionali, gli interessi; di stipulare contratti collettivi di lavoro obbligatori per tutti gli appartenenti alla categoria, di imporre loro contributi e di esercitare, rispetto ad essi, funzioni delegate di interesse pubblico".

(24) — Art. 9.º — "Cindida uma classe e associada em dois ou mais sindicatos, será reconhecido o que reunir dois terços da mesma classe, e, se isto não se verificar, o que reunir maior número de associados". — Único: — "Ante a hipótese de preexistirem uma ou mais associações de uma só classe e pretendarem adotar a forma sindical, nos termos deste decreto, far-se-á o reconhecimento, de acordo com a fórmula estabelecida neste artigo".

(25) — Art. 120. — "Os sindicatos e as associações profissionais serão reconhecidos de conformidade com a lei". — Único: — "A lei assegurará a pluralidade sindical e a completa autonomia dos sindicatos".

(26) — Art. 516. — "Não será reconhecido mais de um sindicato representativo da mesma categoria econômica ou profissional, ou profissão liberal, em uma dada base territorial".

(27) — Cf. "L'Année Sociale", Geneve, 1936, cf. "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio", Rio de Janeiro, Fevereiro de 1937, pg. IV.

Aguarde

No Próximo Número:

"MALA DOS ESTADOS"

Informações e comentários

Em visita á Santa Teresinha, os participantes da VII reunião da Associação de Normas Técnicas



Dos expressivos flagrantes da visita dos caravaneiros da VII Reunião de Normas Técnicas à Usina Santa Teresinha

A caravana da Associação Brasileira de Normas Técnicas reunindo-se presentemente no Recife, chefiada pelo dr. Paulo Sá, chegou à estação Central às 6h. horas da manhã, de onde partiu rumo à Usina Santa Teresinha, em trem especial gentilmente posto à sua disposição pela alta administração da Great Western. Acompanhando a comitiva, seguiram a comissão organizadora da A. B. N. T. no Recife, composta dos engenheiros drs. John Holmes, Mário Coutinho, Pelópidas Silveira, Maurício Coutinho, Aronchandha, ainda comitiva, acompanhada ainda, comitiva, seguindo os drs. Guilherme de Queiroz, Leopoldo Lima e Moreira Neto, representando a Usina Santa Teresinha. A viagem decorreu fôda e muito animada, fazendo parte da excursão os artistas da Rádio Clube, Sebastião Lopes, Sivuca, Ernani Dantas, Emanuel Silva, Manoel Reis e o grande banqueteiro Lupércio Miranda, da Rádio Nacional, especialmente convidado pela Usina Santa Teresinha, em homenagem aos visitantes. A comitiva chegou a Palmares às 10 horas, tendo ali oportunidade de apreciar a paisagem inicial da Usina instalada em lindo edifício e, também, a ponte pela mesma, empresa construída sobre o Rio Una, com a extensão de 60 metros. De lá rumaram à Santa Teresinha, apercebendo, durante o percurso, o Timel, obra darte, cortes artísticos, de trânsito dessa ferrovia particular.

A noite chegou a comitiva

às 11h. horas, sendo ali recebida pelas famílias José Pessoa de Queiroz e Jayme Ramiro Costa e hospedados todos na Casa Grande, em cuja pátio o Grupo Escolar João Vicente de Queiroz lhes preparou fidalgas recepção.

Uma professora fez a saudação dos excursionistas, tendo as alunas recitado e cantado diversos hinos. O dr. Paulo Sá e senhora, comovidos com a expressiva homenagem, agradeceram em nome de todos, as palavras dirigidas à comitiva.

Logo a seguir, os ilustres hóspedes foram convidados pela senra. D. Vasconcelos para correr fôda a residência, sendo logo após servido o churrasco, que decorreu em ambiente de grande cordialidade.

Em seguida, em nome da senra. D. Vasconcelos, o dr. Leopoldo Lima e, em nome dos visitantes, o dr. Heitor Luhmeyer. Após o "churrasco", os visitantes dirigiram-se à Usina. Distillaria, Oficinas e demais dependências da Usina, tendo ainda percorrido parte da zona agrícola e vila operária. Uma esquadrilha de seis aviões de Arco-Clube de Pernambuco soavemente voou sobre a paisagem, que os visitantes e foram portadores de um ofício daquela aeronácia, mandado pelo seu presidente, sr. Mário Pena, designando o aluno do curso de pilotagem Ricardo Pessas de Queiroz para saudá a comitiva. A tarde, novo "lunch" à comitiva e novos números de música, a cargo dos artistas já mencionados.

Catanhede, Léia Carneiro Leão, Maria da Conceição Salazar, Wanda Boglietti, Alba Túroa, Yolanda Tavares, Yolanda Queiroz, Camila Rollin, Frieda A. M. Hoffmann, Leonardo Carricho, senhora, Heitor Luhmeyer, Paulo Magalhães Gomes, Paulo Dutra da Silva, Tremendous Coutinho, Mário Brandi, senhora, Fáustina Góes, Heitor Viana, Walter Eisenhake, Ludwig Forster, dr. Botelho e senhora, Alberto Sinay Neves, Isabel Guimarães, Pedro Cavalcanti, Maria da Conceição F. B. Cavalcanti, William Scott, Ana de Moraes Carvalho, Maria Emilia Pinto Sete, Pelópidas Silveira, Mário Coutinho e senhora, Roberto Azevedo e senhora, Oscar Pinto e família, Maurício Coutinho e senhora, Edgar Amorim, Lauro Botelho, André Bezerra e família, Sisnando Carneiro Leão, João Borba e família, Cruz Ribeiro e senhora, João Holmes, Nazareno Barreto e senhora, dr. Aquilino Porto, Préciliano Barbosa, Mrs. Barbara e senhora e Agnaldo Barcelos Filho.

O DISCURSO DO DR. LEOPOLDO LIMA

Foi o seguinte, na íntegra, o discurso pronunciado pelo dr. Leopoldo Lima, saudando os excursionistas:

Senhoras e senhores:

De dupla hora desanvenceme neste momento: a de estar dirigindo a palavra a figuras tão proeminentes da engenharia, da ciência e da indústria, vindas de círculos os mais cultos do país; e a de fazê-lo em nome de um amigo dileto, embora sem a utilidade que nela encontraria se acaso aqui ele estivesse para receber-vos.

Senhoras e senhores, imprevisíveis circunstâncias obstante, José Pessoa de Queiroz de estatua aqui para dirigir-vos as boas vindas, que nela flamejaram como vivas e marcantes expressões das mais puras tradições de afeição de boa gente nordestina.

Senhoras e senhores, na riqueza de sua tempera, encontrareis o anfitrião incomparável, movendo-se na desenvoltura da arte de bem receber que se poderia consagrar como peculiaridade dos aborigens dos rincões onde agora fazem ressacar o séco estrépito de vossas botas viajeras. E então, é, vos autorizada, e não eu — simples interlocutor — a proceder ao prelúdio da vossa visita às zonas rurais do Estado, a escolha da Usina Santa Teresinha para aferição de quanto há conseguido a mão do homem, associada às exigências da técnica e concorrendo para o maior aproveitamento dos recursos naturais da nossa região. Seria é que vos mostraria essa organização agro-indus-

trial e comprovariais e rigorosa planificação dos trabalhos nela executados, principalmente pela circunstância de terem sido idealizados e levados a efeito pela obstinação e o arrojo de um só homem.

E, esse homem, de espírito

bandeirante, dir-vos-ia que nem sempre encontrareis aqui o verde de tremular dos canaviais quando de vós se erguem, nem a paisagem ferida por solonentes bovinos; nem o rumor de turbinas violando a serena tranquilidade dos refúgios da vida campestre e da fisionomia cana-de-açúcar de Pernambuco. Ele vos diria o que foi a adiante da organização fulminada pelo catadismo de 1938. E vos contaria os incidentes desses momentos angustiosos: um covilho de criador americano, apoiado na doble de governo revolucionário de 39; conflito que somente em 1934 veio a ser colocado em seus justos termos graças à reparadora interferência de Leonardo Truda, Sousa Costa e Oswaldo Aranha. O primeiro roubado ao nosso convívio quando mais precisavamos de fulgor de sua inteligência e de sua cultura equacionadora de nossos problemas econômicos, e segundo, fiambossa de comprovada capacidade e de largo descontorno; o terceiro, dotado de cultura e formação endocrinamente continental, sempre em dia com as mais justas aspirações da coletividade de interamericanos.

E, esse homem, de espírito bandeirante, dir-vos-ia que nem sempre encontrareis aqui o verde de tremular dos canaviais quando de vós se erguem, nem a paisagem ferida por solonentes bovinos; nem o rumor de turbinas violando a serena tranquilidade dos refúgios da vida campestre e da fisionomia cana-de-açúcar de Pernambuco. Ele vos diria o que foi a adiante da organização fulminada pelo catadismo de 1938. E vos contaria os incidentes desses momentos angustiosos: um covilho de criador americano, apoiado na doble de governo revolucionário de 39; conflito que somente em 1934 veio a ser colocado em seus justos termos graças à reparadora interferência de Leonardo Truda, Sousa Costa e Oswaldo Aranha. O primeiro roubado ao nosso convívio quando mais precisavamos de fulgor de sua inteligência e de sua cultura equacionadora de nossos problemas econômicos, e segundo, fiambossa de comprovada capacidade e de largo descontorno; o terceiro, dotado de cultura e formação endocrinamente continental, sempre em dia com as mais justas aspirações da coletividade de interamericanos.

Senhoras e senhores: Saudamos em vós os pregoeiros de novos tempos, a guarda avançada da ciência e da técnica no Brasil progressista. Pois, para nós, não somente uma "equipe" de engenheiros e técnicos, mas a prefiguração a nossa província em sua persona. Vistes colocar a vossa cultura e o vosso patriotismo ao serviço da terra comum. E a fazeis como de vós o esperavam: com o desvelo de bons irmãos que desejam apenas servir e honrar a pátria. E dos vossos trabalhos na reunião do Recife, farta será a colheita de benéficos resultados. Homens de ciência, colaborais para que a mesma geração que desintegrar o ônus, saiba integrar a Humanidade nos seus imprevisíveis anseios de felicidade. E fazeis com que a ciência, tão a mídia solicitada para separar os povos, venha recuperar-se como fator de unidade dos povos.

Levantando a minha taça para em nome de José Pessoa de Queiroz, brindar ao pleno êxito da vossa Ta. Reunião, faço-o na certeza de que estais abrindo novos caminhos de prosperidade ao Brasil e traçando novas diretrizes para a técnica nacio-

tal, nordestino de boa temperatura, vitorioso aqui no vale do Jacuípe, que também plantar no vale de Muriaé com a mesma fervente vitalidade e com a mesma determinação de vencer.

Senhoras e senhores: Excedi talvez os limites da vossa bondade. E por conta própria, contrariei a congnita modestia do meu dileto amigo José Pessoa de Queiroz. Mas ocupei, propostamente, a vossa atenção para fixar o que de inicio, um pouco empiricamente, e logo depois, com o resultado de experimentações, constitui esse autêntico monumento de trabalho que agora visita. Sabeis, sem dúvida, a posição que "Santa Teresinha" ocupa na indústria agucareira do Brasil. E, justamente, como decorrência dessa posição, os dirigentes da Usina Santa Teresinha sentem que nem tudo se faz ainda para conduzir essa indústria dentro das exigências imprevisíveis ao seu pleno desenvolvimento. Dessa convicção, outra surgiu igualmente incontrastável: a de que muito depende ela do esforço dos homens de ciência do Brasil. Daí o interesse que aos dirigentes dessa Empresa desperta a vossa presença no Recife, dado que a elas se relaciona o exame de problemas entre os quais se incluem os mais diretamente ligados à indústria básica ou econômica pernambucana.

Senhoras e senhores: Saudamos em vós os pregoeiros de novos tempos, a guarda avançada da ciência e da técnica no Brasil progressista. Pois, para nós, não somente uma "equipe" de engenheiros e técnicos, mas a prefiguração a nossa província em sua persona. Vistes colocar a vossa cultura e o vosso patriotismo ao serviço da terra comum. E a fazeis como de vós o esperavam: com o desvelo de bons irmãos que desejam apenas servir e honrar a pátria. E dos vossos trabalhos na reunião do Recife, farta será a colheita de benéficos resultados. Homens de ciência, colaborais para que a mesma geração que desintegrar o ônus, saiba integrar a Humanidade nos seus imprevisíveis anseios de felicidade. E fazeis com que a ciência, tão a mídia solicitada para separar os povos, venha recuperar-se como fator de unidade dos povos.

Levantando a minha taça para em nome de José Pessoa de Queiroz, brindar ao pleno êxito da vossa Ta. Reunião, faço-o na certeza de que estais abrindo novos caminhos de prosperidade ao Brasil e traçando novas diretrizes para a técnica nacio-



O dr. Leopoldo Lima quando agradeceu, em nome do sr. José Pessoa de Queiroz, a visita dos caravaneiros

PROTESTAMOS

Os portugueses abaixo assinados, legítimos portugueses que amam sinceramente a sua Pátria e adoram verdadeiramente o Brasil, que consideram a sua segunda Pátria, entristecidos e revoltados com a decisão que demitiu do cargo de Vice-Cônsul, sem motivos justos, o seu velho amigo Sr. JAIME FERREIRA DOS SANTOS, cargo que, na sua investidura, exerceu sempre com dignidade, inteligência e grande afeto, realizando a melhor aproximação luso-brasileira, como reconhece a distinta sociedade pernambucana, protestam contra semelhante iniquidade que interpretam de impatriótica e afrontosa à decência das tradições da Colônia Portuguesa domiciliada em Pernambuco.

Alfredo Antônio Fernandes
Maria Adelaide Botelho Fernandes
Marcelino Ferreira de Azevedo
Antônio Frutuoso da M-ia Júnior
José Nascimento Amaral
José Duarte Araia
Joaquim Duarte Araia
Manuel Salas da Silva
Manuel Rodrigues Braga
Isabel Pinto Braga
Neusa Braga Campos
Joaquim Ferreira de Azevedo
Agostinho Nogueira da Silva
Alberto Nogueira da Silva
Manuel Nogueira da Silva
Antônio Napolis Afonso de Carvalho
Ascenção Alves Maia
Antônio Martins Leitão
Alfredo Correia dos Santos
Serafim da Silva Matos
Jélio Afonsinho Lapa
Antônio Ferreira de Almeida
Maria Adelaide Almeida
Antônio Cunha Muniz
Artur Rodrigues Laranjeira
Domingos Rodrigues Laranjeira
Antônio Rodrigues Laranjeira
Joaquim Laranjeira
Ventura Nogueira da Costa
João Ferreira Rodrigues
Armando Pereira Pinto
J. Nogueira da Silva
Antônio Soares Machado
Joaquim Francisco Ramos
Marcelino Francisco Ramos
Inácio dos Santos
Manuel Miguel de Sousa
John Sousa Miguel
Mário Sousa Miguel
Amélia Lopes Ferreira
Albino José da Silva Maia
Alfredo Alves Diniz
Manuel de Sousa Gomes
Custódio Gonçalves Beltrão
Bernardino Dias de Oliveira
Carlos Souto Pena
Joaquim Correia de Carvalho
Manuel José Amorim
Henrique Duarte Gomes
José Martins da Costa
Antônio de Oliveira Pócas
Camilo Pires de Brito
Antônio Costa Oliveira
Manuel Costa Oliveira
Antônio Marques Aveiro
Oscar Lopes Almeiro
Armando Mota de Almeida
Antônio Mota de Almeida
Ernesto Matos

Manuel Pereira Aires
Acácio Augusto Alves
Mário Dias da Costa
Januário Gonçalves
José Cascão
Manuel Dias Simões
José Antônio Amaral
Abel da Costa Rezende
Antônio Lopes dos Santos
José Ribeiro de Sousa
Arminido A. Angeiras
Valdemar Angeiras Ferreira
Antônio Almeida Matos
Antônio de Araújo Brandão
Américo Martins
Joaquim Rodrigues Costa
José Pereira da Silva
José Dias Capela
Antônio Azevedo Cruz
Carlos Ferreira Maia
João Antônio de Oliveira
Cândido Valentim de Oliveira
Antônio Rodrigues da Costa
Joaquim Alves de Sousa Júnior
Bernardino Rodrigues da Costa
João Martins da Rocha
Américo da Cruz Crato
Manuel da Mota Vieira
Joaquim Vicente da Silva
Guilherme Lucas Varella
Cândido Rocha
Alberto Capela
Alberto Fernandes Costa
Lucas da Silva Lucas
José da Silva Gomes
Manuel de Azevedo Ramos
Aloisio Augusto Tédio Leite
Joaquim Azevedo Maia
José Martins dos Reis
Manuel Vaz Coutinho
Rúben da Silva Farias
Aureliano Correia Farias
Vitor da Silva Farias
Píscido da Costa Jales
José dos Santos Moreira
Antônio da Silva Duarte
Manuel Moreira Alexandre
Antônio Alves de Magalhães
Antônio Luiz Mettens
Amálio Luciano dos Santos
Antônio dos Reis Ferreira
Bernardino Rodrigues Bastos
Celestino Costa
Manuel Fernandes dos Reis
Ferreira
Joaquim Gomes da Silva
Antônio Alves Castelo Branco
Antônio das Neves Silva
Henrique Duarte Paiva
Francisco Fernandes Bravo
Diniz Fernandes Bravo
Júlio Lopes Ramos

Jaime Ferreira dos Santos
Domingos Ramos
Joko de Pinho
Alves da Cruz
Franklin Carvalho
Manuel Carlos Lopes
Manuel dos Santos Araújo
Joaquim Augusto de Brito
Amadeu Diniz
Antônio Nunes
Domingos Fernandes
Januário Gonçalves da Hora
Antônio Luiz dos Santos
José Serra
Antônio G. Dias
Osvaldo Andrade
Fausto Ribeiro
José da Silva Cabral
Mário Costa
Antônio Queiroz de Oliveira
Maia
Antônio Augusto Leite
Alexandre Alves Ribeiro
Antônio Duarte
Joko Ferreira Lopes
José Rodrigues Trigueiro
Augusto Bernardo Alves
Antônio Emílio
Joko José Ferreira
Armando Garcia de Lima
José Nunes
Fernando da Costa Freitas
José Cardoso
Abel Pereira da Costa
Sebastião Pereira da Costa
José Pereira da Costa
José Ferreira Cardoso
Daniel Luis da Silva
Joaquim da Costa Silva
Joaquim da Silva Vieira Maia
Joaquim Ferreira Maia



José Antônio Botelho dos Santos
Bernardino Vieira Mata
Joaquim de Sousa Neves
Joaquim Cordeiro
Antônio José Correia
Carlos Costa
Joaquim Oliveira Costa Macedo
Mathusalem Alves Angeiras
José Sousa
Manuel Martins da Silva
Alberto Ferreira
Artur Esteves Vilas
José Joaquim Esteves Vilas
Francisco José de Sousa
José da Costa Maia
Mário Ferreira da Costa Maia
Albertina Ribeiro Maia
Domingos Dias da Costa
Antônio Francisco Malta
Albino Augusto Correia
Américo Gomes Barbosa
Abílio Gomes Bouga Nova
Florinda da Silva Maglêas
João Maria Teixeira
Antônio Lopes
Manuel Fernandes Matos Abreu
Ubaldo Soares de Almeida
Antônio Bessa
Maria Isabel Marreiros e Abreu
José da Oliveira Salgado
Armando Rodrigues Branco
Manuel José Ferreira
Elio Campos
Ismail Campos
Antônio Campos
Antônio Paz
Luiz Ramalho
David Gonçalves
Manuel Tavares
José dos Santos
José Alves de Pinho
Antônio Marques Simões
Manuel Augusto Fernandes
Cândido José da Silva
Eduardo Carvalho de Azevedo
Jerônimo dos Santos Moura
Ventura Gregório da Silva
Antônio Dias Moreira
Delfino S. Soares da Silva
João Alves Amorim
Américo Alves Amorim
Américo Pestana dos Santos
Américo José Carneiro
Joaquim Moreira Torres
Bartolomeu Augustinho da Cunha
Alberto Augusto Silva
Militão Marques da Silva
Francisco Augusto
Daniel Luis da Silva
Margarida da Silva Vieira
Afonso José Correia
Joaquim Ferreira Maia

João Dias de Andrade
Leônio José da Silva
João José Pavão Júnior
Amélia Carreiro Pavão
Francisco Augusto Ferreira
Joaquim Simões da Rocha
Guilherme Guimaraes
Lídio de Oliveira Duarte
Albino Pereira Gomes
Fernando Moreira Ribeiro da Fonseca
Alfredo Costa
Joaquim Pinon Teixeira
José dos Santos Freire
Lino Francisco Paredes
Bento de Queiroz
Eduardo Hipólito Cardoso
Nair Cavalcanti Cardoso
Antônio Maria dos Reis Pereira
Eduardo Antônio Jerônimo
Manuel Palmeira dos Santos Maia
Artur S. Maia
Artur de Farias Barros
Antônio Lopes
Joaquim Germano dos Santos Maia
Antônio Antunes Teles
Manuel Brandão Sousa Menezes de Mousinho
José da Oliveira Salgado
Manuel Gonçalves Beltrão
Benedito Augusto Ramão
Delfina Marcellina Marques de Freitas
Joaquim Pereira Gomes
Vitorino Pereira Pinto
Antônio Vieira
José Cardoso
Antônio de Oliveira Gomes
Antônio Gomes dos Santos
Antônio Ferreira Pinto
João da Silva
Mário Martins Gomes
Eucídio Pereira Martin
Eduardo Carvalho de Azevedo
Jerônimo dos Santos Moura
Ventura Gregório da Silva
Antônio Dias Moreira
Delfino S. Soares da Silva
Manuel Martins
Vicente Martins
José Martins
Joaquim Rodrigues de Azevedo
Noémia Macêdo Costa
Alfredo Maria Carvalho de Azevedo
José Lopes Ferreira
Alexandrinho José Ferreira
Belarmino Cascão
Manuel Jerônimo
Antero da Silva
Alfredo dos Santos Lomba

Daniel Ferreira da Silva
Abel Gonçalves Beltrão
Eugenio da Silva Rêgo
Domingos Martins Almeida
Alberto Alves Lourenço
Carlos da Costa Macêdo
Assunção Macêdo da Costa
Camilo José da Costa
Júlio Lopes
Maria Augusta Lopes
João Ferreira de Mendonça
Joaquim José da Silva
José Joaquim Ferreira Filho
Júlio de Almeida
José Nogueira
Cipriano S. Almeida
Manuel Leite de Baatos
Joaquina Magalhães Bastos
Justino Moreira Maia
Maria dos Anjos Magainhaes
Américo de Bastos Melo
Joaquim Marques Gonçalves
José Atélio Lopes
José Domingos Lopes Mendes
Joaquim Vicente da Silva
José Maria Alves Moreira
Elsa da Silva Maria Moreira
Djanira de Oliveira Ferreira
Joaquim Gouveia Ferreira
Carlos Fernandes de Azevedo
Manuel Moreira
Rodrigo Moreira Rato
Francisco Dias Ferreira
Serafim Coelho
Joaquim Augusto de Almeida
José Antônio Fernandes
João Soares Pacheco
Antero Vieira da Silva
Aurélio Nuno dos Santos Maia
Maria Celeste dos Santos Maia
Maria Celina dos Santos Maia Ramos
Lídio da Costa Ramos
Amélia dos Santos Neves Maia
Constantino D. de Sousa Maia
Hilda Pereira Ribeiro
Antônio Ferreira Granadeiro
Abilio Coelho Leal
Agostinho José de Pinho
Alvaro Siqueira
José Soares de Figueiredo
Benjamim Rodrigues da Costa
Joaquim Lopes Amorim
Alfredo da Conceição Pires
Albino da Silva Lopes
Alfredo Gomes
Alípio de Almeida Figueiredo
José Nogueira da Costa
João Gomes
Alberto Cerino de Oliveira
João Fernandes Dourado
Antônio Ferreira de Sousa
Antônio Tavares de Oliveira
Manuel Rodrigues
Antônio Figueiredo de Sá
Augusto José da Silva
Francisco de Sousa Júnior
João Fernandes Bravo
José Maria Durão
Albano Napoleão de Sousa Alves
Jaime Simões

NORDESTE Institue Um Grande Concurso De Romance



fluência de qualquer outra preocupação a não ser a da cultura encontrasse elas estimuladas pela comunicação de seus trabalhos; de outro, a necessidade de divulgar, um pouco, fora de nossas fronteiras administrativas, o esforço intelectual que em Pernambuco se processa — eis ai as duas circunstâncias que deram insperado relêvo ao nosso empreendimento.

Confessamos que eram mais modestos os nossos intuições. E à adaptação, que se fez imperiosa e urgente, da revista ao ambiente que em torno dela assim se criou, devemos alguma alteração do nosso programa primitivo.

No entanto e para atender deixa logo ao caráter amplamente regional que se deduz do seu próprio título e aos seus motivos de incremento literário, NORDESTE resolve lançar imediatamente as bases de um concurso de romances e novelas.

Pensamos, contudo, naquelas escritoras que lutam com dificuldades de publicação de seus escritos, em nossos Estados nordestinos onde não existem

ítem empresas editoriais do vulto que o nosso desenvolvimento geral exigiria. Não de ser elas, no entanto, os continuadores de uma das tradições mais vivas da cultura brasileira; a que se reflete não somente na reconstituição ou na interpretação das originalidades da nossa existência dentro de seu áspero quadro geográfico, senão também na vitalidade de que o ânimo criador dos fisionomistas dos ensaiistas e dos poetas nascidos de Alagoas ao Maranhão, introduzido como um confluinte riquíssimo na literatura brasileira. Muitos conseguiram firmar os seus nomes nas letras pátrias; outros, porém, os que apenas começam, lutam com obstáculos frequentemente desesperadores.

Para ajudar a estes últimos, instituímos certas restrições em nosso concurso. E convém não esquecer, ao lado disso, as barreiras que nosso próprio caminho de publicação exclusivamente literária e em começo de vida, se levantam.

Será o nosso, por isso, o concurso de uma revista nova para escritoras novas. Não terá grandes

prêmios; será, porém, um gesto de companheirismo, ou sem classificação de ordem ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum inicio de carreira gloriosa.

AS BASES

O concurso NORDESTE estará aberto até o fim do ano, encerrando-se no dia 31 de dezembro de 1947 o prazo para recepção dos originais na redação da revista.

Serão aceitos romances ou novelas, inéditos e cujo texto deverá conter de pelo menos, duas páginas datilografadas em espaço duplo, em papel de tamanho almanzo.

Os concorrentes serão escritoras nascidas ou residentes na região compreendida entre os Estados do Maranhão e de Alagoas, região que será também o centro do livro.

Serão excluídos escritoras que tenham mais de dois livros publicados.

Os trabalhos dos candidatos serão entregues em quatro cópias; assinados com pseudônimo. O nome do autor virá em sobre carta fechada em cuja frente

Falam os Editores

(Continuação da pág. 10)

da a escassíssima bibliografia em língua vernácula; b) realizar um estudo experimental sobre o grau de interesse demonstrado pela criança no jogo livre e no jogo organizado; c) o natureza que faz, por suas milhares de vozes, ao coração atraírem a organização e a direção dos jogos infantis no sentido de contribuir para a educação do senso social, alegando-se e compondo-se jogos cuja execução depende, em grande parte, do espírito de cooperação entre jogadores.

A obra trás ainda, em apêndice, numerosos esquemas explicativos e preciosas indicações bibliográficas que poderão servir para os interessados novas e mais profundas sondas no terreno lido-educacional, para maior e mais duradoura прево-velho das crianças brasileiras".

(Aba do livro "200 jogos infantis" — Nicoloro Miranda — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1947).



se terá escrito o pseudônimo e que só será aberta para identificação dos premiados.

O julgamento será atribuído por um juri composto de três escritoras, preferentemente do sul do país, cujos nomes serão divulgados com o resultado final.

O critério fundamental do julgamento será a capacidade de criação artística e de expressão literária.

Poderão ser conferidos até três prêmios, em

Meditação nas Ruínas de Santa Fé

(Continuação da pág. 20)

gaceiro está desaparecendo, os crimes estão escassamente, mas continua a descrença do povo, não propriamente em Deus que é poderoso, mas nos homens, seus próprios irmãos e nas Instituições. Muitos costumes persistem, a mesma mentalidade continua, o mesmo abandono e os mesmos sofrimentos vivem a lhes tirar a esperança.

A lembrança do Missionário está viva naquele casal, está viva no seu túmulo, nos corredores escuros e mofados da Caridade. A presença de Ibiapina toma conta do visitante e se responde a cada passo na voz de suas velhinhos protegidas, no recato das beatas e nos olhos sertanejos e timidos daquelas jovens órfãs extraviadas e sem destino.

Santa Fé é um espetro em meio à caudela do meio dia. Santa Fé é uma lição permanente aos novos tempos da Igreja Católica. Santa Fé é a glória do padre Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste, na expressão do escritor parahibano Celso Mariz, o seu grande biógrafo.



ordem numérica, a juiz da comissão.

Verificando-se que o candidato ao ser identificado, não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubstante o prêmio conferido.

O prêmio constará da edição pela revista NORDESTE dos livros classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

SOCIEDADE DE EXPANSÃO COMÉRCIAL DE PERNAMBUCO LTDA.

CONTA PRÓPRIA — REP. — IMP. E EXPORTAÇÃO

Telegrama: SEPA — Caixa Postal, 23 — Telefone: 9374-9554

Distribuidores exclusivos dos produtos da CIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA

Cataventos Wincharges, Material Elétrico, Motores ARMSTRONG e STUART a óleo e gasolina, Geradores



Cerâmica São Caetano, Tintas e Vernizes GIL, Chapas e Telas perfuradas, Cimento Poty, Produtos Norge, Laboratórios Sharp Dohme e Heclan



Av. Marquês de Olinda, 214

RECIFE

— PERNAMBUCO

ARMAZEM DE FAZENDAS IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

CASA MATERNA: RECIFE — Tel.: "Agores" — Inscrição n.º 909 — Cx. Postal, 136

Rua do Livramento, 28/48 — Telefone: 6386-7001 — Recife — Pernambuco

Alves de Brito Companhia

Tecidos S. A.

ARMAZEM CAXIAS — Rua Duque de Caxias, 256 — Vendas a varejo

Telefone: 5779 — Inscrição n.º 1938

FILIAIS:

NATAL — Rua Chile, 171 — Telefone: 271 — Cx. Postal, 42 — Inscrição n.º 111

— — — — —

CAMPINA GRANDE — R. Pres. João Pessoa, 128 — Telefone: 170 — Inscrição n.º 54

Grandes Moinhos do Brasil S. A. "Moinho Recife"

Farinha de Trigo e Rações
Balanceadas para Animais

— — — — — FONOS: 9015-9017 — — — — —

RECIFE

PERNAMBUCO

Meditação Nas Ruínas De Santa Fé

Texto e fotografias de J. IRINEU CABRAL



Jovem órfã sertaneja, última rebento da Caridade

Meio dia em ponto quando chegamos a Santa Fé, "a menina dos olhos" do padre Ibiapina, o grande Apóstolo do Nordeste Brasileiro. Não sabíamos se parar. Mas uma sombra amiga nos forçou a decidir e não há caminhante naquelas paragens da caatinga parabana que ao meio dia em ponto não queira o abrigo de uma árvore amiga. E sem outros propósitos relançamos a vista procurando identificar dois casarões ao fundo da estrada. O aspecto geral nos levava a crer que ninguém habitasse aqueles velhos casarões com traços de um engenho banhado. Mas, aquele cruzamento à frente, aquela pequena capela ao lado, aqueles traços artísticos da muralha? Não tínhamos certeza, mas tudo estava indicando que aquelas ruínas, pelo seu aspecto sombrio e respeitoso, representava uma história. E então fomos vê-las mais de perto...



Aqui repousam os restos mortais do Padre-Mestre — Na calada, Irmã Maria Ibiapina, que foi secretária do Apóstolo

E foi em Santa Fé, minúsculo povoado da Paraíba que nasceu esta reportagem. Não íramos por certo revelar novos segredos, nem tampouco iríamos fazer sensação em torno de um acontecimento muito conhecido no Nordeste, que foi a vida gloriosa do padre Ibiapina. Mas, a impressão que nos causou todo aquele monumento em ruínas e a lembrança do Apóstolo presente em cada recanto, forçava o jornalista a uma profunda meditação.

Em Santa Fé reina abandono e saudade. Desde que Ibiapina desapareceu a Caridade começou em decadência e com ela vinte e duas outras espalhadas pelos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará.

Abriu-nos o portão uma velhinha tóda de preto e que o peso dos anos já lhe dobrava o corpo em forma de bengala. E sem nenhuma pergunta, além do nosso amável bom tarde, a velhinha foi nos convidando a ver a obra do seu Pai, o Padre Mestre, que era seu "padrinho e protetor".

E aos poucos nos vamos im pregnando do passado, menos pelas informações da velhinha que quase não podia falar, mais pelo retrato de tudo que estava presente através das ruínas de Santa Fé. E vendo tantos livros comidos pelo cupim, estávamos vendo o Apóstolo em peregrinação pelo sertão a dentro, levando a palavra de Deus e o seu vasto programa de ação social. E num instante, lá estava o missionário lutando contra a péssima educação do povo, pacificando as famílias, imprimindo novas e boas costumes, combatendo o crime e a imoralidade, levantando cemitérios e hospitais, construindo Caridades e escolas, casando e batizando, dando conselhos e lições para que a vida do sertanejo fosse mais digna e mais atenta.

Ibiapina que na vida fôrada tudo, desde advogado no Recife, professor no Seminário, chefe da polícia e juiz de direito em Quixaramobim, parlamentar pela sua terra, tudo porque um homem pode atravessar, sozinho partiu para a nova vida de sacerdócio com a convicção dos fortes e a resignação dos predestinados...

Por isso mesmo, traçara o seu programa e nenhum obstáculo o detivera naquele marcha em favor dos fracos e desafortunados.

Ibiapina começava, então uma doutrina de ação social que para ele seria o dever da Igreja Católica que representava.

Os padres não deveriam ficar

nos sacramentos e nas missas. Deviam ir mais longe, atuando diretamente junto ao drama espiritual e, sobretudo, econômico do sertanejo. A Igreja como que antecipava a ação que já hoje se esboça no clero brasileiro. Ação efetiva e moralizadora dos costumes. Ação necessária e capaz para atenuar os sofrimentos e dificuldades do povo. Talvez mesmo estivesse Ibiapina cumprindo, na medida de suas forças e possibilidades, as linhas mestras do programa de Leão XIII. E a sua palavra foi vibrante e energica no combate à decadência da terra nordestina, do povo e dos seus costumes.

Nas províncias do Nordeste, uma nova mentalidade se ia criando sobre o Catolicismo e as massas hipnotizadas pelo espírito realizador e prático de Ibiapina acompanhavam agradecidas e felizes os seus passos de Apóstolo. E quantas vezes não levantava uma casa de Caridade em poucos dias, um hospital ou uma escola ajudado com o trabalho coletivo da população de cada município? O povo tinha-o no coração e com ele marchava para a felicidade. Em cada cidade onde o Missionário passasse a fé ficava acesa e o ânimo se renovava para novos embates contra a ingratidão do tempo. Nem poderiam ser menores as consequências daquele apostolado que já contava decisivamente com a força de suas convicções e o destino que lhe estava reservado.

A velhinha de preto com os

seus oitenta anos era Maria Ibiapina, a diretora de Santa

Fé e última secretária do Padre Mestre.

Ela escrevera as suas últimas cartas. Ela transmítiu os seus últimos recados.

E toda vez que falava no seu

Pai, a emoção de novo, lhe

tomava o corpo e as lágrimas

caiam dos seus olhos engelhados.

Santa Fé havia sido escollida por Ibiapina para os seus

últimos dias e lá, ele dedicava

tôdo a sua atenção. As suas orações partiam de lá e a sua

orientação para as outras Caridades foram dali transmitidas.

Nada que pudesse documentar a

vida do missionário por nós

encontrado. O ambiente de Santa Fé é de abandono e de tristeza.

Alguns livros de Ibiapina es-

tavam comidos pela traça e pelo

cupim. Os arquivos, as suas

cartas, os seus documentos, ti-

nham sido levados para os In-

stitutos Arqueológicos. Apenas,

os seus paramentos oficiais pa-

ra celebrar missa. A sua pre-

sença estava naqueles últimos

moradores da Caridade.

Mais para dentro, numa am-

pia sala onde tudo cheirava a

môto, duas beatas estavam sen-

tadas num forte banco de ma-



Esta Irmã é o braço-direito da diretora nos seus dias de infinidade

deira, fazendo flores de papel. Mais tarde, viemos saber que Santa Fé estava vivendo de flores artísticas e pequenas capoeiras, além de muitas esmolas de algum coração caridoso. E a Irmã Maria Ibiapina numa voz fraca e em frases incompletas contava os últimos dias do seu Pai. Aquela era o destino da obra realizada por Ibiapina. Ruínas, decadência e miséria. Santa Fé estava se consumindo ao sabor do tempo e do abandono. Aquelas últimas criaturas, algumas velhas Irmãs que tomaram hábito e ingressaram no movimento social do Apóstolo, outras beatas que se socorreram da Caridade para o recolhimento e para oração. E finalmente, poucas meninas, jovens sertanejas, órfãs e sonhadoras que sofriam a visita do desprêzo. Ali estavam os últimos remanescentes da obra de Ibiapina aguardando resignadamente a palavra de Deus...

Nossas impressões não pode-

riam ir mais longe, além do re-

conhecimento pela obra religio-

sa, educativa e social do Padre Mestre.

Um leveiro relance pelo passado abarcava todos os episódios de sua vida e da sua missão. Não importava o detalhe porque a sua história é toda pontilhada de sofrimentos e vitórias. Não importava mais nada, além da nossa tristeza, porque daquelas ruínas, certamente, não se levantaria outro grito de renovação e ressurgimento em favor dos sertanejos pobres e desamparados.

Para a sua época, Ibiapina constituiu sem dúvida, um marco na história social do Catolicismo. Sua figura sai daquele tempo para se agravantar nos dias de hoje, quando a miséria social do povo vai se agravando com a decadência dos costumes. E naqueles instantes de observação, naquela visita inesperada, momentos intensos de meditação nos forçava a confrontar os velhos tempos do sertão com os nossos dias de hoje ainda conturbados. O can-

(Continua na pág. 9)



Santa Fé, a última morada de Ibiapina